

navegar é passado, presente
e futuro da leitura
pública no brasil

blimunda preciso

mensal n.º 60 maio 2017 fundação josé saramago

bruce

contar verdades
como se mentiras
fossem

ee

3— **editorial**
Uma casa em Paraty:
se for de paz,
pode entrar

5— **Leituras**
Sara Figueiredo Costa

11— **Estante**
Sara Figueiredo Costa
Andreia Brites

18— **Tranquilo e infalível**
Bruce Lee
Sara Figueiredo Costa

28— **Alberto Salcedo**
Ramos: contar
verdades como se
mentiras fossem
Ricardo Viel

35— **A Casa da Andréa**
Andréa Zamorano

42— **Passado, presente**
e futuro da leitura
pública no Brasil
Andreia Brites

54— **And The winner Is...**
Andreia Brites

55— **Espelho Meu**
Andreia Brites

59— **Saramaguiana**
Herança literária e
humanitária
Athina Psilias

67— **Saramaguiana**
Navegar é preciso: Uma
jangada de pedra arrasta
a Europa para o Sul
Pilar del Río

82— **Agenda**

Os amigos José Saramago e Jorge Amado tinham um pacto: aquele que ganhasse o Prémio Nobel teria de convidar o outro para a festa. O galardão chegou para o português em 1998, mas o delicado estado de saúde do brasileiro não permitiu que celebrassem juntos em Estocolmo. Em 2001 partiu Jorge Amado, e em 2010 José Saramago.

A amizade entre estes dois grandes nomes da literatura universal serviu de mote para que a Fundação José Saramago, no ano em que completa a sua primeira década de vida, decidisse cruzar o oceano para participar no maior encontro literário em língua portuguesa. Este ano a FJS estará presente na 15ª edição da FLIP - Festa

Internacional do Livro de Paraty, que decorre entre os dias 26 e 30 de julho.

Em parceria com a Fundação Casa de Jorge Amado, e graças ao apoio de várias entidades (entre elas o Ministério da Cultura de Portugal), a “Casa Amado e Saramago” estará em fun-

cionamento durante a FLIP, oferecendo uma programação paralela à do festival literário. Entre os convidados que participarão nas nossas atividades estão os escritores José Luis Peixoto e Ondjaki, a jornalista Anabela Mota Ribeiro e o sociólogo Luiz Eduardo Soares. Um dos momentos em des-

taque no programa será o do lançamento de um livro de correspondência entre Jorge Amado e José Saramago (chancela da Companhia das Letras), bem como uma exposição fotográfica sobre a amizade entre ambos.

Concertos, mesas-redondas, sessões de leitura e apresentações de livros são algumas das atividades que serão oferecidas na “Casa Amado e Saramago”

durante os cinco dias do encontro literário.

Em Salvador, em frente à sede da Fundação Casa de Jorge Amado, lê-se a seguinte frase dirigida aos visitantes: “Se for de paz, pode entrar”. Um lema que assumimos para a “Casa Amado e Saramago” em Paraty.

Uma casa em Paraty: Se for de paz, pode entrar



Blimunda 60

maio 2017

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDACÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoes, 10
1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

ANDRÉ CARRILHO

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoes, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado Monday to Saturday

10 às 18h 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS



O DISCURSO DE MENDOZA

O escritor catalão Eduardo Mendoza foi distinguido com o Prémio Cervantes 2016. Na entrega do prémio, feita pelos reis de Espanha, o autor fez um discurso onde o humor foi elemento central, tal como acontece em boa parte da sua obra, mas onde se destacou a importância da leitura, nomeadamente a do *D. Quixote*, e da vontade de descobrir tudo o que se pode fazer com a palavra escrita. «Hay que decir, en nuestro descargo, que en aquellos años, que Juan Marsé llamó de incienso y plomo, la figura de don Quijote había sido secuestrada por la retórica oficial para convertirla en el arquetipo de nuestra raza y el adalid de un imperio de fanfarria y cartón piedra. También, solo o con Sancho, a pie o a caballo, se vendía a la gruesa en estaciones y aeropuertos, y en muchos hogares estaba presente como cenicero, pisapapeles o apoyalibros. Malas tarjetas de visita para un aspirante a superhéroe. Pero entonces no se iba a la escuela a jugar, sino a estudiar y a obedecer. Tampoco nos apetecía aprender de memoria los afluentes del Ebro. Y con el

misimo entusiasmo emprendimos la lectura de lo que parecía ser una tortura dividida en dos partes. Como es de suponer de inmediato y casi contra mi voluntad me rendí a su encanto.» Com *D. Quixote*, Eduardo Mendoza percebeu que as palavras podiam servir para qualquer coisa, e terá sido essa uma das descobertas fundamentais no seu percurso de escritor: «Curiosamente, lo que me fascinó entonces no fue la figura de don Quijote, ni sus empresas y sus infortunios, sino el lenguaje cervantino. Desde niño yo quería ser escritor. Pero hasta ese momento los resultados no se correspondían ni con el entusiasmo ni con el empeño. Las vocaciones tempranas son árboles con muchas hojas, poco tronco y ninguna raíz. Yo estaba empeñado en escribir, pero no sabía ni cómo ni sobre qué. La lectura del Quijote fue un bálsamo y una revelación. De Cervantes aprendí que se podía cualquier cosa: relatar una acción, plantear una situación, describir un paisaje, transcribir un diálogo, intercalar un discurso o hacer un comentario, sin forzar la prosa, con claridad, sencillez, musicalidad y elegancia.»



39 ESCRITORES

Há dez anos, o Hay Festival de Bogotá, na Colômbia, apresentou uma lista de 39 escritores de países latino-americanos com menos de 40 anos e muitos desses nomes viram confirmado o seu reconhecimento literário na década que se seguiu. «Aquella lista generó un gran interés y permitió una mayor difusión del trabajo de los 39 autores seleccionados, ayudándolos a darse a conocer fuera de sus países e incluso del mundo hispano. Varios de los participantes de aquella edición son hoy nombres consagrados de la literatura hispanoamericana como Juan Gabriel Vásquez, Daniel Alarcón, Guadalupe Nettel y Alejandro Zambra entre otros.», lê-se no texto divulgado pelo Hay Festival na sua página. Dez anos depois, o festival colombiano apresenta uma nova lista, a Bogotá 39-2017, com autores oriundos de diversos países e com um equilíbrio assinalável entre escritores que publicam em grandes grupos editoriais e escritores que trabalham com editoras de média e pequena dimensão. Do Brasil, duas autoras integram a lista:

Mariana Torres e Natalia Borges Polezzo (que a *Blimunda* entrevistou na edição de março). Em 2018, estes autores andarão pela América Latina, entre festivais e apresentações, dando a conhecer o seu trabalho aos leitores de outros países. «“Espero que este proyecto sea tan interesante para todos como lo fue el primer Bogotá 39 en el año 2007. Es muy emocionante promover a estos autores de impresionante calidad y de gran diversidad y a través de este proyecto, promover a su vez la gran riqueza literaria del continente”, dijo al respecto Cristina Fuentes La Roche, directora internacional del Hay Festival.» Valerá a pena acompanhar estes 39 nomes nos próximos tempos.



AS ARMADILHAS DA CRÍTICA

Não é muito comum um escritor responder a uma crítica menos positiva de um livro seu em público, mas foi o que fez José Ovejero, não tanto para defender o seu livro, mas antes para refletir sobre o traba-

lho da crítica: «Leo en *Babelia* una reseña muy severa sobre mi última novela, *La seducción*, escrita por Francisco Solano. Lo que me parece muy interesante en dicha reseña, por lo demás breve, es que dedica casi un tercio a consideraciones generales sobre la pérdida de prestigio de la crítica y sobre cómo esta pérdida da todo el poder al mercado. Como consecuencia, muchos autores nos limitamos a ofrecer productos de dudoso valor con el que satisfacer las exigencias comerciales.» A partir desta ideia inicial do crítico, o autor desenvolve um argumentário sobre os papéis de ambos, deixando claro que as regras mercantis que perturbam a literatura, de acordo com o crítico, são as mesmas que interferem na crítica jornalística: «(...) sin embargo, considero muy discutibles las conclusiones de Solano. Viene a afirmar que, sin la vigilancia de la crítica, los autores aprovechamos nuestra libertad para publicar productos poco profundos o exigentes con los que alcanzar el éxito. Con esta afirmación parece asumir que, mientras el escritor está sometido al mercado, el crítico no lo está. El escritor se prostituye

para obtener notoriedad, mientras el crítico vigila desde un olimpo ajeno a las menudencias del mundo.» Segue-se uma análise da imprensa cultural dos nossos dias, cada vez mais reduzida e submetida às leis do mercado, e uma reflexão sobre a assimetria entre o «poder» do crítico e o do escritor, ponto de partida para o equívoco que, de acordo com Ovejero, terá afetado o crítico: «El destinatario natural de la reseña es, entonces, el lector, y es aquí donde se centra mi crítica al crítico. Éste debe opinar y valorar, es su trabajo, y, aunque nos duela a los autores, esta opinión será a veces negativa. Pero en la relación entre autores y críticos se da una asimetría significativa: los críticos tienen un poder sobre la recepción y aceptación de nuestra obra (sí, disminuido, tambaleante, pero está ahí) que nosotros, salvo contadísimas y sonadas excepciones, no tenemos sobre la suya. Y todo reparto desigual del poder debe ir acompañado de una responsabilidad mayor por parte del más poderoso. Por eso sería de esperar que el crítico haga uso de sus conocimientos para juzgar una obra de manera responsa-

ble, sin meterse en el complejo terreno de las descalificaciones morales hacia el autor.»



BD NO JABUTI?

A banda desenhada tem vindo a ganhar leitores nos últimos anos, parecendo querer romper um preconceito social que a atingia praticamente desde os seus primórdios e que a relegava para um espaço de leitura menor, sem importância, destinado a entreter crianças e adultos com complexo de Peter Pan. Depois de alguns livreiros terem recorrido ao termo «novela gráfica» para mostrarem aos leitores que podiam ler banda desenhada porque havia, agora, um nome respeitável, esta linguagem viu crescer a sua presença em livrarias e no espaço dedicado à crítica e aos livros na imprensa. No Brasil, há quem proponha a sua inclusão no Prémio Jabuti: «Pensando na importância dos quadrinhos frente ao pouco destaque que esse tipo de literatura recebe, Wagner Willian, 39, criou um abaixo-assinado, em parceria com Ramon Vitral e

Érico Assis, na plataforma de petições online Change.org para pedir a inclusão das Histórias em Quadrinhos no Prémio Jabuti, a mais importante premiação literária do Brasil. Atualmente, os quadrinhos contam com prêmios próprios por todo o mundo, e no Jabuti são enquadrados em outras categorias, como didático e paradidático, adaptação ou ilustração. “Quadrinho não é uma história ilustrada, é uma narrativa que se dá a partir de imagens e uma linguagem própria”, diz Janaína de Luna, afirmando que premiar HQs em outra categoria é diminuir a linguagem e toda a produção. “HQ não é gênero, porque pode falar de culinária, terror, policial. É toda uma linguagem”. Para o criador do abaixo-assinado, se o Prémio Jabuti incluir a categoria quadrinhos, haverá mais reconhecimento da curadoria sobre a importância mercadológica e artística do meio. “Com esse reconhecimento, ganham as editoras, ganham os autores e ganha o próprio Jabuti ao terem suas páginas folheadas por novos leitores. Será 2017 o ano dos Quadrinhos?”»



Hoje Estarás Comigo no Paraíso
Bruno Vieira Amaral
Quetzal

**Entre os escombros
da memória**



A expectativa do segundo livro pode ser o elefante na sala para muitos escritores estreantes. Quando a estreia se faz acompanhar de prémios e de grande visibilidade mediática, esse elefante tenderá a ameaçar a cristaleira de um modo mais óbvio. Bruno Vieira Amaral publicou *As Primeiras Coisas* em 2013, um livro que se organizava em entradas alfabéticas que descreviam personagens de um bairro da margem Sul de Lisboa. À primeira vista, poderia parecer apenas um catálogo, uma pequena enciclopédia da natureza humana, mas o desfile de personagens, vícios, coragens, pequenas histórias de raízes fincadas no bairro ou um pouco mais longe, algumas memórias de infância, tudo isso configurava um romance de nítido fôlego. Foi com esse livro que o autor venceu os prémios Fernando Namora, Pen Clube Narrativa, Time Out – Livro do Ano e Novos Literatura, para além do Prémio José Saramago.

Na verdade, nada disto interessa ao texto que compõe o segundo romance do

autor, como já não interessaria ao primeiro. Um livro é um livro e o que se passa à sua volta não conta para o que lá vem dentro. Apesar disso, quem leu *As Primeiras Coisas* encontrará um ou outro elemento familiar. *Hoje Estarás Comigo no Paraíso* também não é um romance “arrumado”, e talvez aqui se comece a vislumbrar um modo de trabalhar o género. No centro da narrativa está uma investigação, a que o narrador empreende para tentar esclarecer o homicídio de um primo do qual guarda poucas memórias, quase todas associadas ao facto de ter sido morto no bairro onde ambos viviam. E mesmo fugindo de uma certa ideia de romance, é aí que o narrador vai buscar um paralelismo fundamental neste livro, convocando a *Crónica de uma Morte Anunciada*, de Gabriel García Márquez, como detonador de uma narrativa que se fará de fragmentos, sobreposições temporais e múltiplas vozes. Obcecado com a efemeridade humana e o pouco que sobra da existência na memória alheia

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA



quando a morte chega, o narrador mergulha nas suas memórias e nas memórias alheias com a mesma dedicação com que se entrega à consulta de processos judiciais, procurando uma verdade. Com o avançar do texto, e o intensificar da coincidência entre narrador e autor, percebe-se que essa verdade não será contundente, nem terá tanto que ver com a resolução de um crime mal explicado, mas antes com o processo de procurar e reconstruir, sempre com a memória a mover-se impiedosamente, sempre com o olhar do presente a interferir naquilo que se imagina estacionado no passado, mas que, como tudo na vida, não deixa de mover-se. É isso que faz de *Hoje Estarás Comigo no Paraíso* um romance imponente. As costuras à vista dão a ler uma narrativa e a sua própria construção, não escondendo as hesitações, os becos sem saída e o eterno labirinto de possibilidades quando se trata de enfrentar a memória e as suas zonas inevitavelmente opacas. O segundo romance de

Bruno Vieira Amaral será um olhar lúcido (mesmo quando deambula, fingindo não ter rumo) sobre determinada realidade, com as leituras sócio-económicas que lhe quisermos encontrar, e será também um fragmento possível dos anos 80 numa faixa geográfica onde conviviam os que regressaram das ex-colónias, os necessitados de apoio social, os malandros e os que só desejavam mudar de vida, mas antes de qualquer outra coisa, *Hoje Estarás Comigo no Paraíso* é um romance sólido, desconcertante e capaz de colocar aquilo que gostamos de chamar realidade no plano ao qual talvez pertença quase tudo o que vamos vivendo: o da ficção.

Meados do século XX: surgem Brasília, o Neoconcretismo, João Cabral. Mas também brota um sertão verdejante, um “monstro” potente, espécie de esfinge – Grande sertão: veredas

SILVIANO SANTIAGO, um dos críticos literários mais originais do Brasil, analisa a obra maior de Guimarães Rosa em seu mais novo livro, **GENEALOGIA DA FEROCIDADE**. Ele observa como as tentativas de domar *Grande sertão: veredas* sempre ignoraram sua complexidade, indócil a definições fixas por ter uma linguagem porosa e potente.

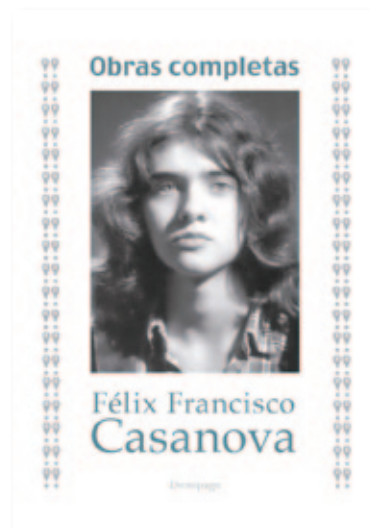
À venda no site da Cepe Editora
www.cepe.com.br



estante

SARA FIGUEIREDO COSTA

ANDREIA BRITES



Obras Completas

Félix Francisco Casanova
Demipage

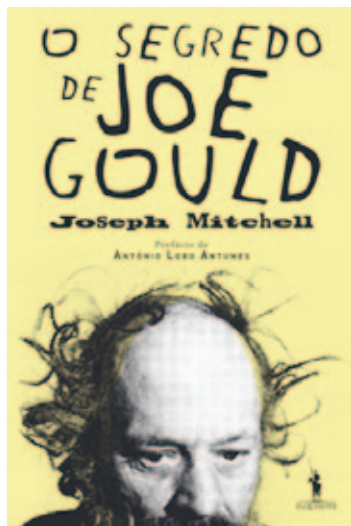
Nascido em La Palma, em 1956, Félix Francisco Casanova pertence àquele pequeno olimpo de escritores precocemente desaparecidos cuja obra se transforma em objeto de culto anos depois da sua morte (no caso, em 1976). O volume disponível reúne poemas, cartas, colagens, documentos dispersos e vários rascunhos, frequentemente publicados lado a lado com as versões finais dos poemas que originaram. SFC



O Pássaro da Noite

Alice Hoffman
Presença

Na linha temática do maravilhoso, esta narrativa apresenta o conflito que deriva do medo da aceitação do diferente e o sacrifício por um bem maior. O discurso escorreito da protagonista encadeia descrições que contextualizam o passado da família com episódios do quotidiano, refletindo, perante um desejo crescente, sobre a clausura em que vive. A amizade surge como um apelo irresistível e os acontecimentos sucedem-se, encadeando um sentido onírico e poético num quadro social realista. AB



O Segredo de Joe Gold

Joseph Mitchell
Dom Quixote

Reedição em português de uma obra de culto que permite levantar alguns véus sobre a enigmática figura de Joseph Ferdinand Gould, um novaiorquino conhecido pelas suas conversas que tudo relacionavam, pela errância e pela boémia. Gold tinha como projeto de vida a realização de uma *História Oral do Nosso Tempo*, uma obra que tudo conteria e que daria da vida quotidiana o retrato capaz de abarcar o mundo, e ainda que não a tenha escrito (tanto quanto se sabe), foi uma parte essencial do seu conteúdo. SFC



A revolta dos vegetais

David aceituno
Daniel Montero Galán
Nuvem de Letras

O pressuposto é o mais trivial: as crianças não gostam de comer vegetais. Estes, reunidos no frigorífico, manifestam a sua revolta das mais variadas formas: da arte da guerra ao representante hippie, todos têm um manifesto ou um desabafo. No final, seja ou não pelo estado em que se encontra o frigorífico, os revoltosos são surpreendidos por uma criança. AB



Da Amazônia às Malvinas

Beatriz Sarlo
Tinta da China

O novo volume da coleção de viagens da Tinta da China regista a grande viagem que a sua autora fez, enquanto jovem, pela América Latina, numa época em que a revolução parecia atravessar o continente. Maoísta convicta, Beatriz Sarlo vê o que a rodeia à luz daquilo em que acredita e, anos mais tarde, corrige alguns ângulos, sem se desfazer do muito que guardou da viagem para lá de ideologias ou convicções que pareciam inabaláveis. SFC



João Pé de Feijão e Milady do seu coração

José Fanha, Mafalda Milhões
Booksmile

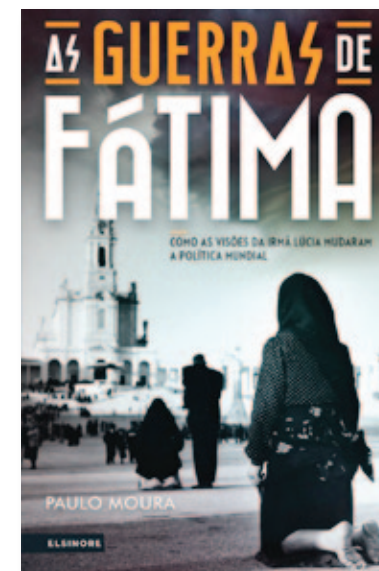
A partir da narrativa tradicional e recorrendo ao *topos* do sonho, o escritor reescreve a moral da história deslocando o valor dos feijões noutra direção que não a monetária. O tempo e o espaço são atualizados e caracterizados pela ilustração que cria apontamentos igualmente relevantes nas personagens para o surpreendente desenlace. O poder da magia está mais vivo do que parece, contrariando a desilusão e a descrença. AB



Da Poesia

Hilda Hilst
Companhia das Letras

Um único volume reúne pela primeira vez a obra poética completa de Hilda Hilst, espalhada por mais de vinte livros. Entre 1950 e 1995, Hilda Hilst publicou poesia em edições de pequena tiragem, impressas por amigos e muitas vezes circulando fora do circuito comercial. Alguns desses livros foram reeditados mais tarde, pela Globo, mas muitos continuaram a ser de acesso difícil. A partir de agora, todos podem ser lidos aqui, acompanhados de alguns inéditos. SFC



As Guerras de Fátima

Paulo Moura
Elsinore

Trabalho de investigação do jornalista Paulo Moura, este livro procura respostas para algumas dúvidas que foram surgindo à medida que os relatos sobre Fátima e as supostas aparições ganharam espaço mediático e um forte valor político. Das alterações no discurso sobre o primeiro dos «segredos» à intervenção de Hitler junto do Vaticano para insistir na demonização do comunismo, *As Guerras de Fátima* percorre muitas questões pertinentes sobre este fenómeno religioso, mas também mediático e social português. SFC

BEYOND CONCRETE.
WWW.MARTMAGAZINE.NET

**mART: MACAU AND LISBON
ON THE SAME PAGE**



mART



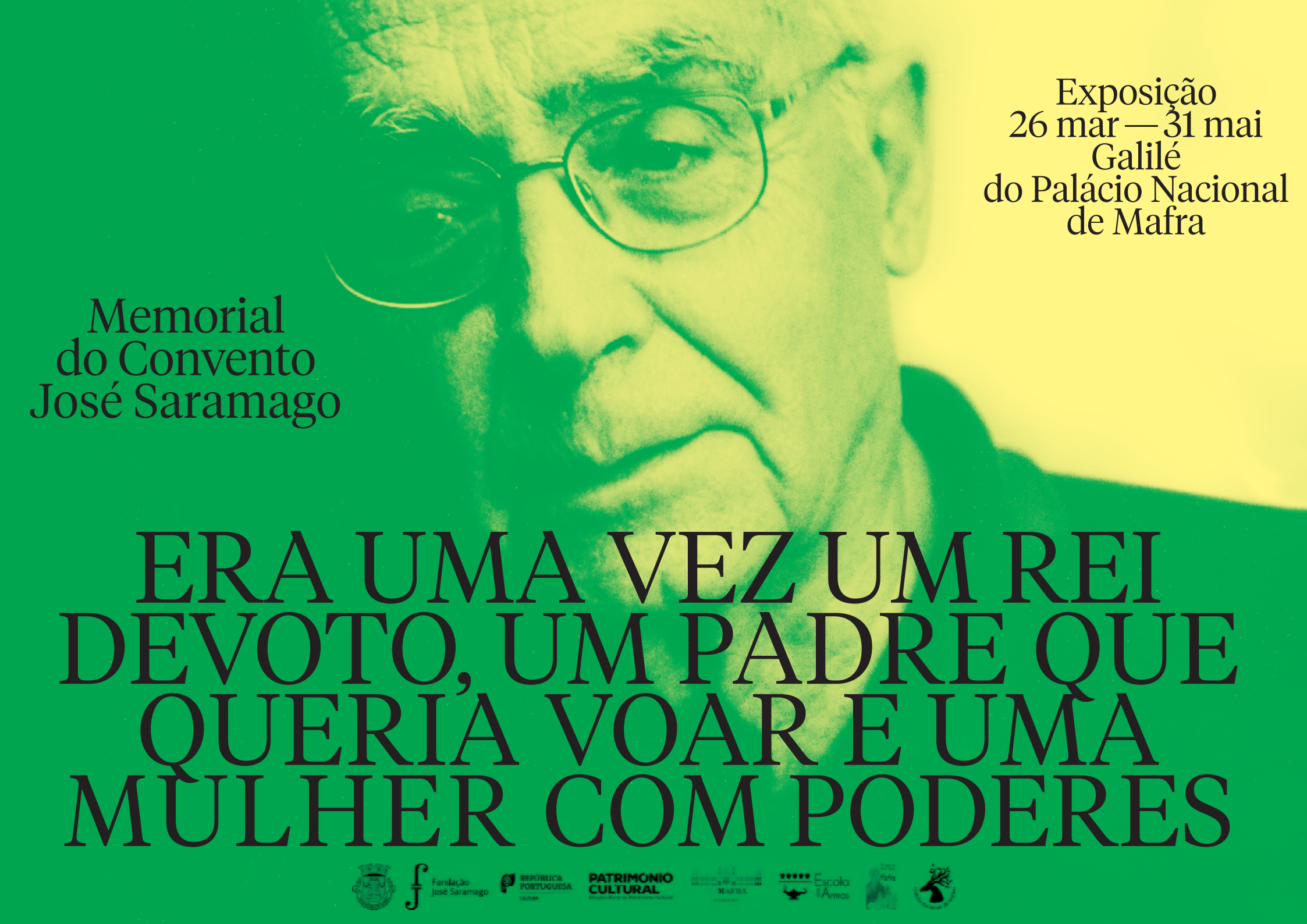
Casa
Fernando
Pessoa

Sala Multimédia · *Multimedia Room*
Biblioteca · *Library* · Livraria · *Bookshop*
Restaurante · *Restaurant*



CASAFERNANDOPESSOA.PT

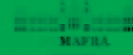


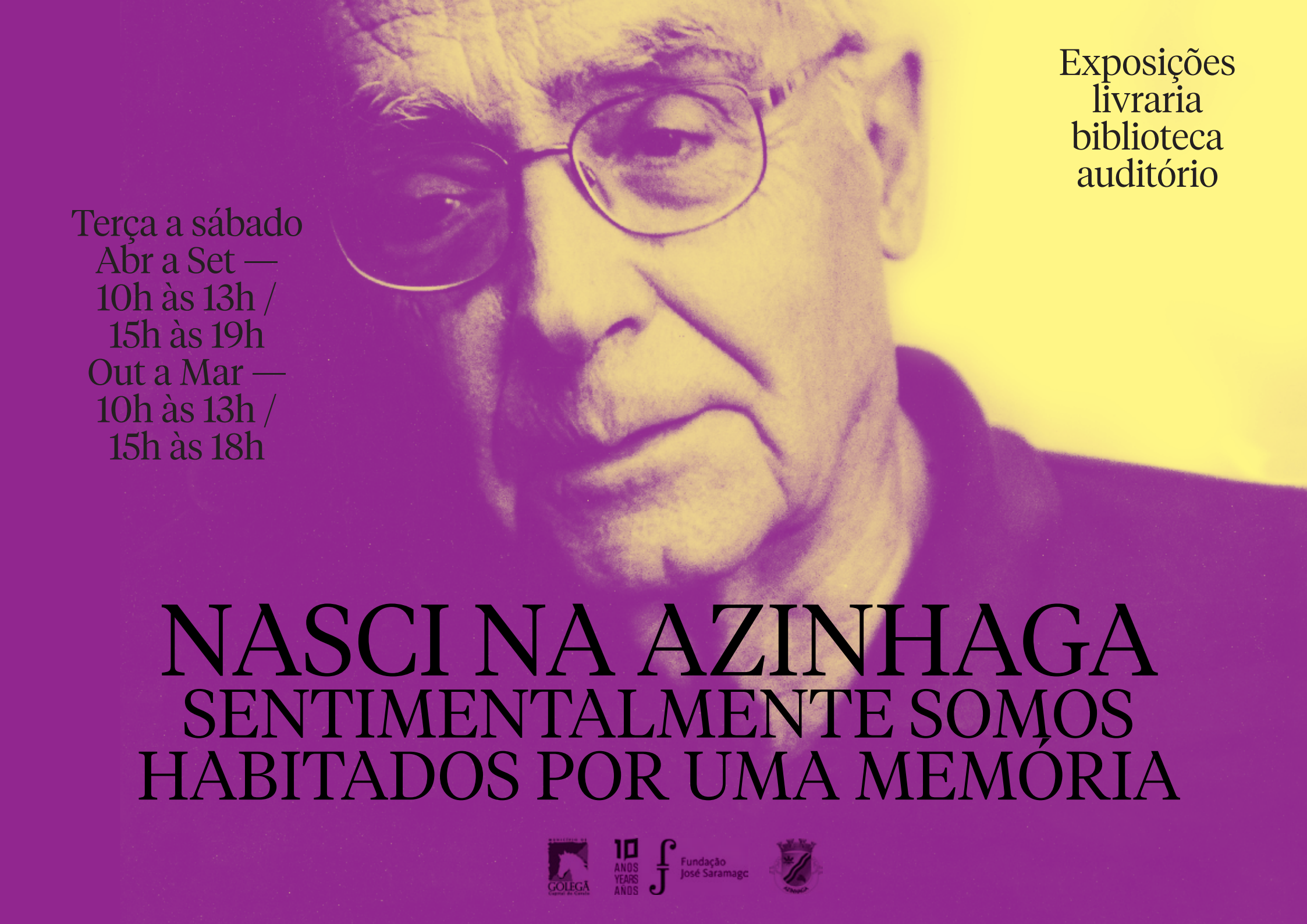
A black and white portrait of José Saramago, an elderly man with white hair and glasses, resting his chin on his hand in a contemplative pose. The background is a solid dark color.

Exposição
26 mar — 31 mai
Galilé
do Palácio Nacional
de Mafra

Memorial
do Convento
José Saramago

ERA UMA VEZ UM REI
DEVOTO, UM PADRE QUE
QUERIA VOAR E UMA
MULHER COM PODERES



A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses, looking slightly to the left. The image is the background for the entire poster.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



Fundação
José Saramago



**Sara
Figueiredo
Costa**

**tranquilo
e
infalível**

bruce
es



O fato de treino amarelo

Era de um «Índio» que falava Caetano Veloso quando gravou a canção onde se ouvia o verso “tranquilo e infalível como Bruce Lee”. E mesmo sem ser índio, a Bruce Lee assentam bem os epítetos dados por Caetano. A infalibilidade dos golpes, entre punhos e pernas, não impediu que morresse com apenas 32 anos, mas a marca que deixou no mundo acabou por superar as fronteiras dos filmes de artes marciais, criando uma lenda. A tranquilidade, essa, via-se no olhar e nos movimentos, simples, sinuosos, imitando os animais no seu habitat natural e fazendo de cada gesto uma continuidade natural do corpo.

No Heritage Museum, em Hong Kong, uma enorme exposição documenta a vida de Bruce Lee: *Kung Fu. Art. Life*. Não faltam os adereços de filmes, as armas das artes marciais e a múltipla *memorabilia* que a sua figura continua a originar, mas percebe-se desde a primeira sala que a intenção do museu e da Bruce Lee Foundation, co-organizadora da exposição, não

era reunir material para entusiasmar os devotos e sim mostrar a herança de um homem e o modo como esta perdura muito depois da sua morte, ocorrida em 1973 e envolta em factos nunca inteiramente esclarecidos.

Nascido em São Francisco, em 1940, Bruce Lee regressa à terra natal dos seus pais, Hong Kong, no ano seguinte. Filho de um conhecido ator da ópera cantonense e da herdeira de um negócio próspero, Bruce só não teve uma infância mais pacata porque era pouco dado aos estudos e ao bom comportamento que dele se esperava. A figura do rebelde vem, portanto, de tenra idade, complementada por um interesse obsessivo pelas artes marciais e por uma tendência incontrollável para se envolver em lutas de rua. Estava traçado um perfil que haveria de encontrar no grande ecrã o seu mais amplo eco, mas Lee Hoi Chuen e Ho Oi Yee, os pais de Bruce Lee, não poderiam ainda saber disso. Ainda assim, o grande ecrã foi presença que cedo chegou à vida de Bruce, que participou no filme *Golden Gate Girl*, filmado nos Estados Unidos da América em 1941, tendo integrado o elenco de mais dois filmes (*The*

BRUCE LEE

*IS
DYNAMITE!*



in
**FIST
OF FURY**

A Golden Harvest Production **GH**

Director: Lo Wei Producer: Raymond Chow

Colour Scope

Distributed by Cathay Films Ltd.



Kid e *The Orphan*) antes de chegar à fama como ator em filmes de artes marciais. De todos estes passos biográficos se dá conta nas paredes do Heritage Museum, entre fotografias, certidões, cadernos escolares, programas de cinema e alguns objetos pessoais.

Em 1959, Bruce Lee regressa aos Estados Unidos para continuar os seus estudos e será aí, em 1965, que a 20th Century Fox o convida para integrar o elenco de uma série, *The Green Hornet*. Depois de os episódios chegarem à televisão de Hong Kong, três anos mais tarde, começa o percurso do ator que hoje conhecemos. Uma produtora local, a Golden Harvest Limited, convida o ator para regressar à sua terra natal para uma série de filmes. Com a estreia de *The Big Boss*, em 1971, Bruce Lee salta dos ecrãs para o imaginário coletivo, onde se instala definitivamente no ano seguinte, com *Fist of Fury* e *Enter the Dragon*, já realizados por si. E será ainda em 1972, durante a rodagem de *The Game of Death*, que o ator morrerá, aos 32 anos, deixando o último filme inacabado e um imenso culto à volta da sua existência tão breve.

Numa das salas do Heritage Museum, o fato amarelo com uma lista preta que Bruce Lee usou em *Enter the Dragon* surge em destaque, quase sempre rodeado de visitantes que oscilam entre o deslumbramento e a vontade de tocar no tecido (tentação à qual vários vigilantes atentos garantem ser impossível ceder). Todos os visitantes passam pelo fato, mas o silêncio devoto e o tempo de permanência identificam imediatamente os fãs acérrimos do ator. Ecrãs espalhados pelas salas dedicadas ao cinema dão a ver excertos dos filmes protagonizados por Lee, bem como algumas cenas cortadas e outras captadas nos bastidores. As folhas dos guiões mostram o detalhe com que o também realizador planeava cada cena de luta, registando os movimentos com uma linguagem que podia ser a da coreografia e anotando os pormenores para assegurar que os combates não eram apenas o registo de duas ou mais pessoas agredindo-se. A épica cena de *Enter the Dragon*, em que Bruce Lee e Chuck Norris se enfrentam no cenário do Coliseu de Roma, está lá, devidamente anotada para que cada um dos atores saiba



Original Poster.co.uk

**THE FIRST
AMERICAN PRODUCED
MARTIAL ARTS SPECTACULAR!
WITH THE LEGENDARY
BRUCE LEE**

Enter The Dragon^x



BRUCE LEE · JOHN SAXON · AHNA CAPRI in "ENTER THE DRAGON"^x

Co-Starring **BOB WALL · SHIH KIEN** and Introducing **JIM KELLY**

Music: Lalo Schiffrin · Written by Michael Allin · Produced by Fred Weintraub and Paul Heller
in association with Raymond Chow · Directed by Robert Clouse

PANAVISION® · TECHNICOLOR® · Celebrating Warner Bros. 50th Anniversary
A Warner Communications Company

ORIGINAL SOUND TRACK ALBUM
ON WARNER BROS. RECORDS NO. K46275



como contribuir para a transformar na sequência que acabou por eternizar-se na memória dos espectadores. Em dezenas de vitrines e molduras, há cartazes de filmes em várias línguas, materiais promocionais que incluem postais, autocolantes e xilogravuras, adereços de cena e muitos figurinos. E há a garra de ferro que o próprio Bruce Lee desenhou para ser adereço de *Enter the Dragon*, a mesma garra que lhe deixou no torso as marcas de sangue que fariam do seu corpo em tronco nu um dos ícones do cinema popular dos anos 70.

«Be water, my friend»

As artes marciais entraram cedo na vida de Bruce Lee e a sua vocação confirmou-se logo a partir dos treze anos, quando iniciou os estudos de Wing Chun com o mestre Ip Man. Talvez os passos do cha cha, dança à qual dedicava tanto do seu tempo livre, tenham tido um papel relevante na destreza física que veio a revelar, mas foi a entrega total ao estudo e à prática

desta arte marcial que transformou o rapaz franzino e pouco dedicado aos estudos no jovem de corpo seco e duro que haveria de traçar um percurso sólido entre as artes marciais e o cinema. Já nos Estados Unidos, Lee começou a ensinar Wing Chun ao mesmo tempo que encontrava novas influências para o seu estilo, através do contacto com praticantes de outras escolas e artes marciais. Desse cruzamento de referências e das muitas horas aplicadas na reflexão sobre a filosofia que deve estar subjacente à prática de uma arte marcial terá nascido, em 1962, o Jun Fan Gung Fu Institute, academia onde Bruce Lee se tornou mestre. Na série norte-americana *Longstreet*, onde participou, uma frase tornou-se célebre quando proferida pela personagem que interpretava, Li Tsung, um traficante de antiguidades: «*Don't make a plan of fighting. That is a very good way to lose your teeth. (...) If you try to remember you will lose! Empty your mind. Be formless, shapeless, like water. Put water into a cup, it becomes the cup. Put water into a teapot, it becomes the teapot. Water can flow or creep or drip or crash. Be water, my friend.*» Foi

THE MYSTERY.

THE LIFE.

THE LOVE.

THE LEGEND.

DRAGON¹⁵

THE BRUCE LEE STORY



esse o percurso que Lee desenvolveu ao longo dos anos, uma mistura de intuição com precisão, instinto com razão, cada movimento encontrando o seu caminho sem desvios. Ser como a água, uma máxima que se colou à pele de Bruce Lee e ao imaginário de quantos o admiraram. E de quantos o admiram.

Nas vitrines do Heritage Museum mostram-se os objetos de treino usados em diferentes momentos, começando por uns monos rudimentares, feitos de palha prensada, e evoluindo para máquinas complexas que permitiam simular os movimentos de um hipotético adversário. Pelo meio, há fatos tradicionais, sapatos de treino, luvas de boxe e as famosas matracas, as nunchaku, outra das imagens de marca de Bruce Lee, que as manejava com uma destreza que se tornou lendária, mesmo entre praticantes experientes de artes marciais.

Entre armas e adversários virtuais, um par de óculos e a legenda a esclarecer que Bruce Lee sofria de miopia severa, 5 dioptrias que nunca o impediram de acertar no alvo, ainda que tivesse de recorrer a lentes

de contacto nos filmes, talvez porque o grande ecrã não tivesse como dar credibilidade a um lutador equipado com óculos...

A biblioteca de Bruce Lee

Numa das salas da exposição, arrumam-se em estantes os muitos livros que Bruce Lee mantinha perto de si. A diversidade bibliográfica pode surpreender quem reparou unicamente no homem de músculos fortes e secos que ocupou ecrãs em longas cenas de luta, mas Lee era um leitor dedicado e não apenas aos livros de artes marciais. Estes ocupam um lugar importante nas suas estantes, certamente, acompanhados de volumes sobre medicina tradicional chinesa, anatomia e fisiologia, mas as prateleiras começam a revelar as muitas camadas de Bruce Lee quando vemos os livros de filosofia, literatura, história, entre clássicos (da Grécia Antiga ou do Império do Meio) e contemporâneos do ator. As peças completas de Sófocles, um volume intitulado *English Literature and Its*

Backgrounds, livros sobre pintura e literatura chinesas, muitas obras sobre yoga, artes com espada, kung-fu, os volumes completos de *The Chinese Classics*, de James Legge, livros sobre Hong Kong e a sua história. Ao lado dos livros, material de escrita e cadernos de apontamentos dão a conhecer um leitor que dialogava com os livros e que, sabe-se há muito, arriscou várias vezes a mão em muitas páginas de poesia, para além dos diários e de anotações soltas.

Contrastando com a sobriedade da biblioteca, uma outra sala reúne centenas de materiais, *memorabilia* de diferentes origens colecionada por um fã, Jeff Chinn. Entre revistas, canecas, bonecos, cromos e lancheiras, há mais do que a coleção de um fã. Num dos posters, vê-se um Bruce Lee de olhar poderoso, lembrando uma vez mais a canção de Caetano, e na legenda, o colecionador explica que foi um dos poucos chineses na sua escola, em São Francisco, e que por isso mesmo era vítima de *bullying*, tendo encontrado no exemplo de Bruce Lee um escape e um modelo para contrariar a cruel ignorância dos seus colegas. Impossível não

lembrar a cena de *Fist of Fury*, quando a personagem interpretada por Bruce Lee, Chen Zhen, parte com um pontapé a placa onde se lê «No dogs and chinese allowed».

A fechar a exposição, um placard convida os visitantes a deixarem uma mensagem. E onde se esperavam comentários à exposição, ou a algum dos objetos nela destacados, o que se pode ler são mensagens dirigidas a Bruce Lee, escritas em vários idiomas, como se o ator ainda pudesse ler aquilo que os admiradores lhe escrevem: «Bruce, you will forever be missed.»

Alberto Salcedo Ramos:

Ricardo Viel

Contar verdades como se mentiras fossem



No final do século XIX, no Caribe colombiano popularizou-se a figura de um homem que, montado num burro e com um acordeão nas costas, ia de vila em vila relatando os acontecimentos importantes. Em troca de algum dinheiro ou comida, o artista levava a um lugarejo uma notícia

encomendada — por exemplo, a morte de alguém ou o convite de um casamento. Para não esquecer a letra e fazer com que a mensagem fosse mais facilmente absorvida, as histórias eram cantadas. É essa a origem do vallenato, música típica da região que se espalhou por toda a Colômbia.

«Quero ser um rapsodo»

«Os versos levavam as notícias das coisas que tinham acontecido nos lugares. Era o jornal das pessoas dessas vilas. Por isso o García Márquez dizia que *Cem Anos de Solidão* era um vallenato de 300 páginas. Quem é do Caribe sabe do que ele estava falando», explica Alberto Salcedo Ramos. Nascido em Barranquilla em 1963, o jornalista cresceu numa cidade onde não havia livrarias nem bibliotecas, mas não faltavam os contadores de histórias. «Na minha região, no Caribe, sempre houve a tradição de contar. Se você pergunta a um caribenho como chegar a um lugar ele não dá as coordenadas, ele conta uma história. Diz: vai até à esquina, ali vai estar parado um caolho vendendo bilhete de loteria, ele está assim porque saía com a mulher de outro e levou uma surra. Então vira à direita até passar pela casa da fulana...»

Quando começou a exercer o ofício, em 85, o colombiano já tinha claro que tipo de jornalismo gostaria de fazer. «Não quero ser um jornalista eu quero ser um rapsodo, quero ser esse homem que vai num cavalo

dando as notícias.» Nesses mais de 30 anos de carreira, Alberto viu como o estilo de relato que costuma fazer recuperou prestígio. Conhecidas no mundo hispânico como crônica, essas reportagens longas, escritas com recursos literários e que exigem tempo e pesquisa para serem construídas, tiveram o seu momento de apogeu na América Latina nos anos 50 com os relatos de Gabriel García Márquez. Nos últimos anos o gênero ganhou novamente espaço e prestígio. Surgiram, em vários países do continente, publicações especializadas nesse tipo de reportagem, foram editadas várias antologias e realizados encontros para dar a conhecer melhor os nuevos cronistas latinoamericanos. A FNPI, fundação que García Márquez criou nos anos 90 para fomentar o jornalismo, é uma das responsáveis pela valorização desse tipo de narração que tem em Salcedo Ramos – professor da FNPI – um de seus expoentes.

«Sempre tive claro que a notícia é uma coisa efêmera. É útil, não poderia existir jornalismo sem notícias, mas também acho que não pode existir jornalismo só com notícia. A notícia permite que você saiba de maneira rápida o que aconteceu mas não ajuda a



LA ETERNA PARRANDA

Crônicas 1997 - 2011

Alberto Salcedo Ramos

alberto salcedo ramos

entender o que aconteceu, como aconteceu. É preciso ir além, e esse ir além é o que nós fazemos», resume. Para ele, a característica principal do tipo de reportagem que fazem é a subjetividade. «Durante muitos anos nos ensinaram que uma das funções do jornalismo é a objetividade. Então, a crônica é como a filha que saiu meio rebelde, meio ‘putona’, é a mais amorosa, espiritual, íntima, é um produto nobre porque permite mostrar uma parte da realidade que vale muito e que as notícias não mostram.» Se o que sai publicado no jornal ou na Internet é efêmero, rapidamente consumido e descartado, as histórias contadas por estes jornalistas almejam outro destino, sonham com a longevidade de um romance. «Escrevo para que não nos esqueçamos dos nossos próprios rostos. Se uma sociedade não se lembra do horror que carrega acaba por repeti-lo.». Num país que sofreu durante décadas uma guerra interna, o perigo de que um massacre seja eclipsado pelo mais recente é enorme, a crônica pode ajudar a combater o esquecimento. «Há uma frase de G.K. Chesterton de que eu gosto muito. Ele diz que o jornalismo consiste em dizer ‘Lord Jones morreu’ a pessoas que não

sabiam que Lord Jones estava vivo. Eu quero contar às pessoas quem é Lord Jones antes que ele morra. Não sou um messias, minha função não é substituir o Estado, mas me dá muita satisfação quando conto uma história e isso serve para resolver um problema.»

Embora celebre o bom momento da crônica latino-americana, Salcedo Ramos manifesta preocupação com o seu futuro. Segundo ele, algumas publicações morreram ou perderam o frescor, e parece que falta fôlego aos novos cronistas. «É preciso cuidar para que a crônica não se transforme num exercício de mera vaidade estética, numa fórmula para falar da pobreza, da miséria. É preciso reinventá-la, faltou olhar para o poder. Os gringos, que fazem reportagens narrativas muito boas, olham para os poderosos, fazem perfil de poderosos, dos empresários, magnatas, dos que contaminam os rios, dos presidentes. E na América Latina ficamos só com a senhora pobre que teve a casa inundada, com a miséria. No nosso melhor momento ao invés de reinventar o gênero o transformamos numa fórmula, e assim estamos matando a crônica», sentencia.

Saber ouvir, saber contar

A avó de Alberto diz que as pessoas lhe contam a vida com tanta facilidade porque ele tem cara de boa pessoa. Não é bem assim, na verdade o que a avó de Alberto diz é que ele tem cara de bobo. «O que posso fazer se eu entro no avião, me sento e a pessoa que está ao meu lado resolve me contar a vida?», diz daquela forma açucarada que os colombianos do Caribe têm de falar.

Mas não é só esse jeito simpático, esse sorriso fácil e generoso que fazem com que ele, aos 56 anos, esteja publicado em vários países e tenha recebido alguns dos mais importantes prêmios jornalísticos do mundo hispânico (como o Ortega y Gasset e o Rey de España). Esse colombiano com cara de bonachão tem olfato para encontrar boas histórias e paciência para tirar o melhor de cada uma delas. Costuma dizer que mede a qualidade de um jornalista não pelo valor das metáforas que usa, mas pelo barro que encontra nos seus sapatos. Para fazer a reportagem sobre o boxeador colombiano Kid Pambelé, livro publicado em 2005

EL ORO Y LA OSCURIDAD

La vida gloriosa y trágica de Kid Pambelé

Alberto Salcedo Ramos



AGUILAR

alberto salcedo ramos

e que hoje já é um clássico do gênero, levou quase três anos e conversou com mais de 50 pessoas. «Só parei com as entrevistas quando percebi que as pessoas me contavam histórias que eu já tinha escutado, foi nessa altura que vi que o livro estava pronto.»

Quando contei a uma amiga argentina que entrevistaria Alberto Salcedo Ramos, o seu professor, ela me disse: «Ele é uma pessoa muito humana e isso se percebe no seu trabalho. É alguém honestamente envolvido com o ser humano, eu diria que ele não vai à procura de história senão de pessoas.» As pessoas que o caribenho conheceu durante essas décadas de trabalho deram-lhe mais do que frases para textos. «Costumo dizer que o jornalismo faz com que sejamos pessoas melhores. Há coisas em mim que considero terríveis e que quando dirijo elas aparecem. Fico impaciente, xingo, me exalto. O pior de mim sai quando estou dirigindo. E quando faço jornalismo o que sai é o melhor de mim. Posso escutar as pessoas, não me entedia que elas falem por horas, eu as escuto até o final. Se me disserem que tenho que caminhar até o

topo da montanha para acompanhar alguém que vai pegar água, eu vou. Não faria para mim, não andaria 300 metros para fazer isso, mas por uma história eu faço, faço o que seja.»

Um dos conselhos que costuma dar aos seus alunos é não ir para campo com uma tese pronta, ir preparado de leituras e conhecimento sobre o lugar, mas aberto a ver o que acontece. «Gosto de encontrar uma história, não de confirmar uma história. Estive há pouco tempo em Cuba e uma jornalista jovem me contou que tinha sido contatada por um editor dos Estados Unidos que lhe pediu que encontrasse uma família em Cuba que fosse mantida por algum parente nos EUA e que ia ser prejudicada pela chegada de Trump ao poder. Isso não é jornalismo. Esse homem nunca foi a Cuba, ele não faz reportagem, o que faz é a confirmação de um preconceito. Isso é feio, porque é converter a realidade naquilo que você quer que ela seja».

Além de escutar muito, ter paciência e deixar o preconceito em casa, há outro segredo para o sucesso das reportagens de Alberto: o sabor. Para explicar

esse toque na receita costuma citar uma famosa frase de Don Vito Corleoni, d'O *Padrinho*: «vou fazer uma proposta tão boa que você não vai recusar». O começo do texto tem que agarrar o leitor, não deixar que ele fuja, ensina. E o final fecha o que ele chama de arco narrativo. «A crônica parece um conto, muitos dizem que é um conto que é verdade. E García Márquez dizia que quando um conto é muito bom parece que fala de algo que aconteceu de verdade e quando uma crônica é muito boa parece que conta algo que é mentira.» Sobre a possibilidade de acrescentar alguma pitada de ficção no prato, Salcedo Ramos é categórico. Uma gota de ficção contamina o texto todo e deixa de ser uma reportagem. «A realidade se basta. Há uns anos escrevi sobre uma cadela da Polícia colombiana que tinha guarda-costas porque tinha sido ameaçada por um cartel. O seu olfato tinha gerado muito prejuízo aos que tentaram passar drogas no aeroporto e então ela foi ameaçada. Acha que é preciso ficção para um jornalista latino-americano?»

Fotografia de José Frade

A CASA DA ANDRÉA

A DESESPERADORA HISTÓRIA DE SANDRA

ANDRÉA ZAMORANO

Sandra chegou do trabalho como todos os dias, cansada, encalorada e sem paciência para se aborrecer. Há muito havia descoberto as traições do marido e fazia questão de caminhar bem devagar do terminal rodoviário até à sua casa, parando de vez em quando numa sombra para apanhar a brisa das montanhas, de forma que o marido tivesse tempo de fazer desaparecer alguma companhia que ainda estivesse estirada na cama do casal.

Logo depois de se casarem, o marido – convencido de que era o maior garanhão do município de Piedecuesta, quem sabe da província inteira de Santander, aliás, a Colômbia ficaria em grave prejuízo se não espalhasse o seu regozijo carnal pelas «hembras» da nação – não fez praticamente outra coisa senão enganar a pobre Sandra.

Quando descobriu que para além de traída também era achincalhada pelos comentários maldosos da vizinhança – um coro de gente que a achava uma “perfeita idiota” e apenas se dignava a levantar o dedo para apontar os seus defeitos enquanto esposa, nunca para a defender – uma lágrima escorregou do seu olho esquerdo, uma segunda se precipitou até ao meio da bochecha. Sandra ficou parada, imóvel, sentada na beirada da cama. Perplexa, via-se refletida no espelho da penteadeira ao fundo do quarto.

Numa manhã de sábado, não precisou trabalhar. Levantou cedo, saiu dizendo que iria demorar e foi até ao centro da cidade. Entrou numa loja em liquidação e comprou uma blusa de viscose com mangas largas. Vestiu-a no provador, a maciez do tecido a tranquilizou. Chegou mesmo a pensar na quantidade de cascas de árvores necessárias para produzir a fibra usada para confeccionar aquela peça de roupa. Envergava a força da celulose no corpo ciente de que as notas de cem dólares eram feitas da mesma substância que a sua blusa.

Sandra economizou um terço do seu magro salário todos os meses durante anos. Quando conseguia juntar a quantia de cem dólares, trocava por uma nota que depois se entretinha a dobrar bem dobradinha, transformando-a numa pequena almofada que escondia atrás do espelho da vergonha. Aquelas notas eram o seu salvo-conduto.

Quando regressou do centro, a casa estava silenciosa. Pelo sim pelo não, Sandra se dirigiu para o quarto na ponta dos pés na esperança de não dar o flagrante no marido se refastelando com as que estavam convencidas de que ele só tinha outras por Sandra não ser capaz.

Abriu a porta bem devagar, a cama estava tão arrumada quanto deixara antes de

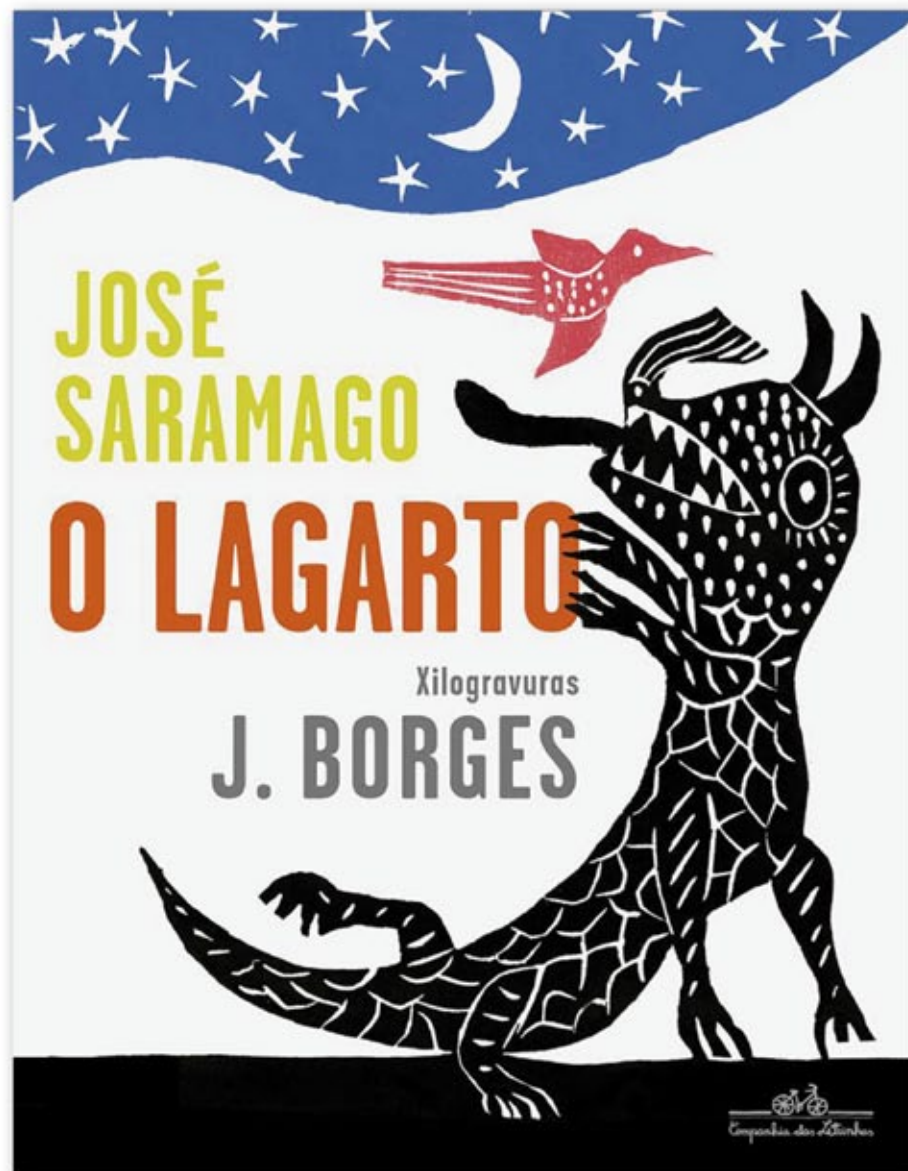
sair. Respirou de alívio mas por poucos segundos, ao varrer o quarto com olhar, descobriu o marido sentado no chão, atrás da penteadeira, entretido a fazer montinhos no chão com os quadrados de notas. O esconderijo de Sandra fora descoberto.

Ao entrar no quarto, foi confrontada pelo marido exigindo explicações sobre aquela situação vergonhosa. Prevendo o desfecho, Sandra esforçou-se por fazer acreditar o marido que as coisas não eram bem o que pareciam, que não se precipitasse. O marido indignado não queria ouvir nada, era inadmissível. A discussão subiu de tom, não podia mais confiar na esposa. «Estava tudo acabado, só restava a separação». Ela o traíra. Sandra quase ficou feliz ao ouvir aquelas palavras, contudo o marido queria lavar a desonra com a bolada inesperada. Ficando com metade das suas poupanças.

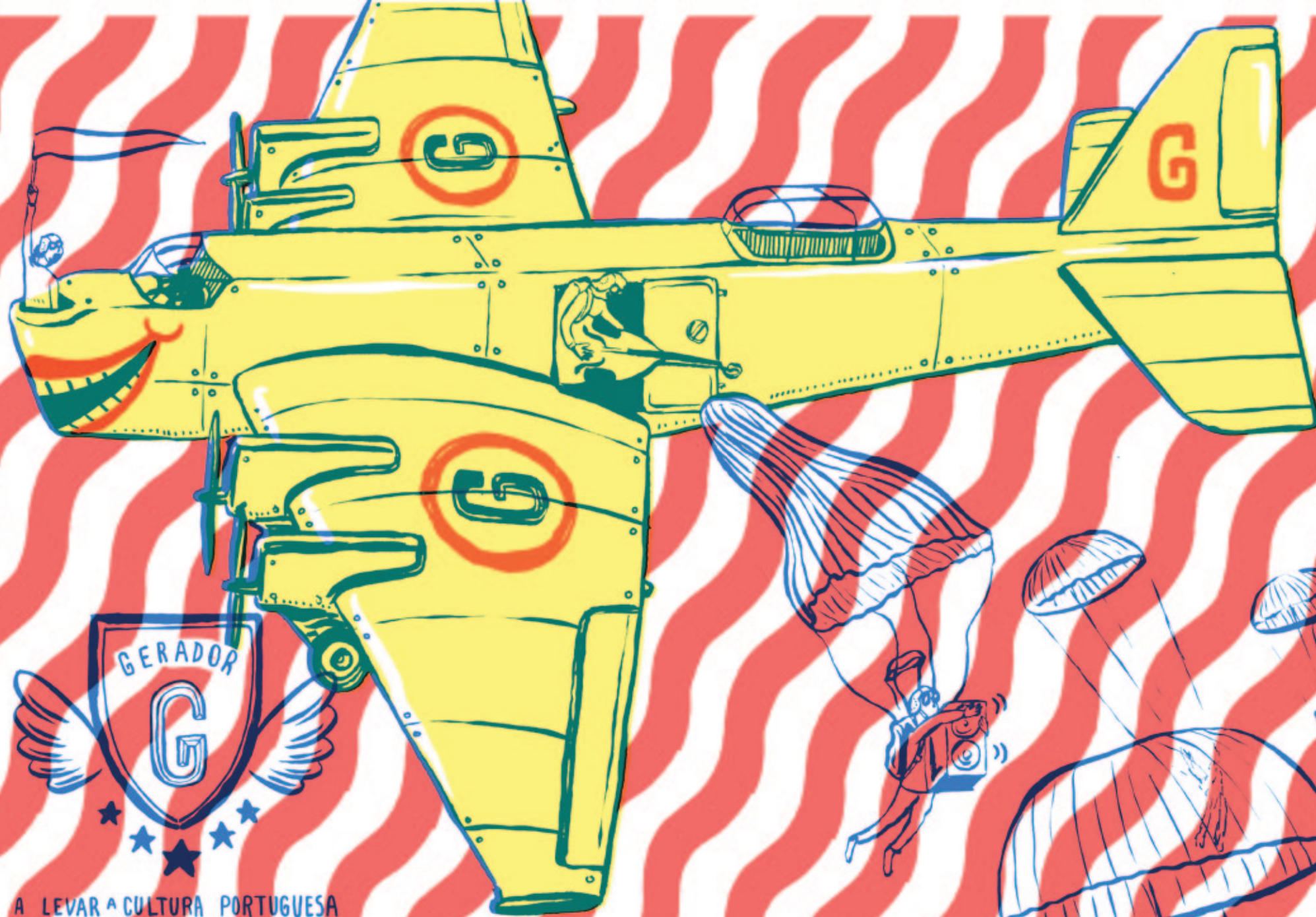
Em desespero, Sandra rodopiou sobre o próprio corpo e se estatelou no chão, caindo por cima dos montinhos de dinheiro. Desmaiou, ou pelo menos parecia. O marido supondo que talvez a esposa estivesse mesmo batendo as botas – o que seria muito conveniente – ficou apreensivo, com receio de ser acusado de não ter prestado auxílio. Então começou a sacudir Sandra e a gritar pedindo ajuda dos vizinhos.

Em poucos minutos, já havia uma aglomeração de solícitos batendo na porta da frente para salvar o marido desamparado. Mal saiu do quarto para abrir a porta de casa para os vizinhos, Sandra se levantou correndo. O marido voltou para trás mas não conseguiu impedir que se trancasse dentro do quarto. Enquanto, do lado de fora, ele se agarrava à maçaneta aos gritos, pontapeando a porta; lá dentro, Sandra engolia um por um os quadradinhos de notas de cem dólares, segurando cada almofadinha com o polegar e o indicador, saboreando a mistura de pasta de celulose até perfazer o total das suas economias, nove mil dólares americanos¹.

1. De acordo com as notícias publicadas em jornais de todo o mundo, Sandra foi depois levada de urgência para o hospital com fortes dores abdominais, sendo operada duas vezes. Sandra já teve alta, das suas entranhas ainda foram retirados, em boas condições, cinco mil e setecentos dólares que, infelizmente, aguardam por decisão judicial.



**O Lagarto, de
José Saramago e
J. Borges
Prémio da FNLIJ
– Fundação
Nacional do Livro
Infantil e Juvenil,
na categoria de
Literatura em
Língua Portuguesa**



A LEVAR A CULTURA PORTUGUESA

✈ A TODO O LADO ✈

O Gerador é uma plataforma de ação
e comunicação para a cultura portuguesa

DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

Elitiana Vozes

**passado, presente
e futuro da leitura pública
no Brasil**

ANDREIA
BRITES

Eliana Yunes é uma das maiores especialistas em leitura do Brasil. Esteve na origem do PROLER, no início da década de 1990, coordena a Cátedra de Leitura da UNESCO na PUC do Rio de Janeiro e também foi diretora da FNLIJ nos anos oitenta. Nesta conversa traçamos um percurso da leitura pública no Brasil através da sua experiência profissional, que cruza sucessos in-

terrompidos com um ideário muito firme. Da leitura depende a revolução sociocultural e a consciência de si do povo brasileiro. Leitura não significa apenas literatura mas também ciência, arte e, em última instância, uma consciência da linguagem.

Como foi a sua experiência no PROLER?

Em 1989 havia um grupo de pesquisa em torno da leitura na PUC do Rio de Janeiro que eu coordenava. Essa pesquisa foi financiada por um organismo público. Estávamos rastreando como a política de leitura foi ou não promovida desde o Império que é quando chega efetivamente a noção de livro. Essa pesquisa, que mapeava uma história, redundou numa proposta de desenvolvimento de uma política de leitura. Foi inclusive premiada. Mas teve de esperar três anos até que Afonso [Romano de Sant'ana] chegasse à Biblioteca Nacional e resolvesse pegar naquela proposta.

Eu coordenava esse grupo com dois alunos de pós-graduação e quatro da graduação da PUC do Rio em Letras. Quando eu cheguei à Biblioteca Nacional a pedido do Afonso eu já tinha vindo de fazer um pós-doutoramento na Alemanha sobre políticas de leitura. Então juntei a nossa história com uma reflexão sobre o que tinha visto. Aí pude convidar outros professores da PUC, na área das artes e educação, para desenvolvermos esse trabalho de uma política de leitura.

A Eliane defende que uma política de leitura implica interdisciplinariedade.

Exatamente. Por isso nós fomos organizando encontros e reflexões com autores, outros pesquisadores e artistas. Fomos alargando o círculo. Começamos a fazer isso no real. Íamos aos locais e procurávamos quem eram os artistas, quem pensava na leitura. Não levamos as pessoas para o Rio de Janeiro, porque era impossível. Fomos ter com elas. A partir dessa experiência começamos a desenhar um plano, um programa de estímulo à leitura em cada localidade.

Diferente para cada local ou igual para todos?

Eles tinham as mesmas linhas mestras que eram em primeiro lugar o resgate de todo o saber e conhecimento artístico da localidade: quem é quem, quem faz o quê; em segundo a formação de mediadores; em terceiro a dinamização dos acervos porque bibliotecas existiam mas estavam nas paredes. Nós queríamos que as pessoas trouxessem os livros para a rua. Em quarto, a valorização pública da leitura: faixas, dizeres, flipetas, papeizinhos, e em quinto o desenho de uma política pública de leitura que comprometesse o município e

comprometesse os estados num trabalho sistemático e durador.

Esse compromisso dependia de financiamento?

O compromisso era que aquilo que esses grupos decidissem como armação regional de promoção da leitura fosse amparado. A Biblioteca Nacional daria assistência com um tutor para cada lugar. Éramos 120 tutores andando pelo Brasil acompanhando o desenvolvimento dos projetos. A Biblioteca pagava a esse tutor.

E o tutor era da região que acompanhava?

Não, pelo contrário. Queríamos que trocassem. Isso era enriquecedor.

Esse projeto, nesses moldes, durou quanto tempo?

De 1992 até 1997. Depois começou a mudar porque as pessoas que assumiram não entendiam do assunto, não entendiam o que era. Mas não ousaram desmontá-lo porque a população reagiu muito aquando da saída do Afonso [da Biblioteca Nacional]. A gente teve uma comoção nacional

que foi muito interessante porque não é comum. Estamos falando de Bibliotecas, Escolas... E aí, apesar de ter mudado o perfil, o ministro não dissolveu o programa. Daí em diante ele foi mudando conforme as pessoas que foram assumindo. Mas o programa não acabou, está vivo. O atual ministro, o que temos nesse momento, diz que nesses dois anos que é a gestão desse governo – não vai ser mais do que dois anos, assim espero também eu – o PROLER vai ser o foco da sua atenção.

Qual é o balanço que faz desses cinco anos no PROLER?

Revolucionário. Primeiro porque as pessoas assumiram o projeto como seu. Cada bibliotecário, cada professor se sentia um agente daquilo que fazia, partilhando aquilo que sabia com outros agentes culturais. A gente fazia leitura do céu com astrónomos, leitura da terra com geólogos, leitura do cinema, leitura da música... Então as pessoas se sentiam promovidas. Foi muito interessante. Tenho a certeza de que se o projeto não tivesse sido abortado, nestes vinte anos o Brasil seria outro.

«A gente fazia leitura do céu com astrónomos, leitura da terra com geólogos, leitura do cinema, leitura da música...»

E a Cátedra da Unesco, como surgiu?

O grupo remanescente na PUC continuou a fazer um programa de experimentações, seminários, encontros e tal. A professora que pertencia a esse grupo da área da educação, a professora Tânia, tinha um irmão diplomata que lhe falou na rede de cátedras da UNESCO no mundo e que lhe sugeriu que propusessem alguma coisa. Ela mesma trouxe a ideia, lemos e fizemos uma proposta à UNESCO de criarmos uma cátedra específica sobre o tema da leitura. Não sobre o tema da alfabetização mas da leitura, queríamos fazer essa diferença. Mas a UNESCO levou mais do que três anos para decidir a aprovação. Quando a cátedra foi aprovada, organizámo-nos para criar um Centro de Pesquisa e de Referência, um laboratório de práticas de leitura onde as pessoas adultas pudessem aprender a ser mediadoras de leitura. É esse o perfil da cátedra. A UNESCO não dá dinheiro, mas além de dar a chancela faz indicações da Cátedra para contactos com financiadores e especialistas.

Como conseguem financiamento para a Cátedra?

Através de programas específicos. Às vezes é muito difícil.

Os patrocinadores são nacionais ou internacionais?

Nacionais e internacionais. Com os internacionais temos uma dificuldade, porque normalmente eles querem que o dinheiro passe por um organismo federal e nós não queremos porque aí o dinheiro vai desaparecer.

Há muita gente a frequentar as bibliotecas públicas?

Há muita gente mas nos últimos vinte anos aconteceu uma mudança de mentalidade. A biblioteca é para ir ler jornal, ler livro, ver filme, ver a internet, mas agora a biblioteca pública é considerada uma extensão da escola. Então é onde se vai pesquisar para fazer trabalhos. Onde não existe biblioteca escolar, a biblioteca pública funciona como uma extensão da escola.

Então seria necessário mudar a visão que se tem da biblioteca pública? E como é que se fazia isso?

É. Na verdade acho que se as escolas instalarem bibliotecas no seu espaço, a ida à biblioteca pública será para outras finalidades que não fazer trabalhos e dependerá muito dos horários dessas bibliotecas públicas. Porque se a biblioteca

fechar aos sábados e domingos não tem função. Tem de estar aberta à hora do almoço para acolher o público, ter eventos culturais, não é só uma estante de livros.

E isso não existe?

Não posso dizer que não existe. Há um grupo de bibliotecas públicas muito dinâmicas mas estão depauperadas. A falta de recursos é uma coisa muito grave. Neste momento tudo é muito grave no Brasil.

Há algum programa nacional que oriente as Bibliotecas Públicas?

Sim. O sistema nacional de bibliotecas públicas tentou arduamente manter uma ação que não fosse só tecnicista, mas isso é difícil porque a formação do bibliotecário é deficiente. Ele é formado para cuidar do livro e não do leitor.

Tendo em conta que o Brasil está a passar uma fase muito incerta e difícil, como antevê a promoção da leitura nos tempos mais próximos?

Não consigo antever. Acho que ninguém no Brasil pode

anterver o que vai acontecer nesses dois próximos anos: muita repressão, muito autoritarismo, muita perda de direitos e valores... Mas o povo está esperneando. Se esse debate do povo vai ser capaz de pressionar os políticos que estão acomodados há muito tempo, se essa insatisfação vai ser possível de mover situações sem que a gente tenha de pegar em armas, sem haver vandalismos, não sei mas espero que efetivamente aconteça.

Pensando até onde se chegou ao nível da promoção da leitura no Brasil, qual seria o passo seguinte?

Acho que as pessoas precisam de fortalecer um novo conceito de leitura, um novo conceito de literatura infantil, uma formação de professores com alta qualificação para trabalhar em escolas básicas – que ali é que precisamos de gente com alta qualificação –, pessoas amantes da literatura e das artes. Seria importante que houvesse acesso aos bens culturais, que houvesse grandes concertos públicos, grandes encenações nas cidades, que fosse possível encaminhar os grupos locais para apresentações, fazê-los circular, nas áreas do teatro, da literatura, da música. Acho que há um encanto

possível, agora é preciso que haja mediadores, é preciso que haja pequenos financiamentos, pequenos mas ininterruptos, que haja dinamização das bibliotecas. No melhor dos mundos era fazer coisas simples mas com continuidade para que as pessoas pudessem ter acesso e pudessem ganhar uma relativa autonomia na gestão do que querem fazer. Tem gente que gosta de música, tem gente que gosta de cinema, tem gente que gosta de literatura. E que as pessoas pudessem, nessa diversidade, também buscar a sua auto-formação.

Há muita gente que defende que quando estamos perante um não leitor queremos que ele leia, não importa o quê. E que depois de ele começar a ler trabalhamos no sentido de que venha a ganhar sentido crítico. Está de acordo?

Em parte posso entender o raciocínio só que tenho uma experiência um pouco diferente. Pela minha experiência se começar a ler com ele literatura, contos, ele vai começar a pensar, a raciocinar. E a criticidade vem rápido. Quando ele for ler o jornal ele está muito mais crítico do que um recetor passivo de notícias que lê informações como se fossem verdade. A literatura rasga horizontes que permitiriam que essa

criticidade se desenvolvesse. Eu acho que o mais difícil é ler jornais, o mais fácil é ler literatura.

Sempre com mediação?

Acho que a mediação é importante porque se você conta uma história a uma criança e ela faz perguntas, você tem como responder. Se ela não pergunta, você deixa porque ela vai ruminar, não fica explicando em overdose.

A Eliana não está sozinha quando diz que a aprendizagem da leitura, nomeadamente através dos programas de educação, é em muitos casos mecanizada. Porque é que o poder não ouve os especialistas?

Não tenho ideia porque é que o poder não ouve. Veja bem, é lógico que estar melhor classificado em leitura numa avaliação do PISA impacta, inclusivamente para financiamento que o país possa obter, mas na prática quotidiana da vida política de um país, quanto mais você tem pessoas capazes de discutir leis, de discutir normas, de discutir atitudes, mais dificuldade você tem de governar autoritariamente. Neste momento os políticos no Brasil estão a enfrentar

uma série de greves de organizações porque eu acho que o país avançou, sim! Apesar do que aconteceu, você tem gente muito insatisfeita e que não é manipulada por um partido. São organizações profissionais, seja da área dos media, da educação, da saúde... As pessoas estão protestando contra as arbitrariedades não só deste governo mas também contra a ausência de decisão responsável que tivemos com a experiência da esquerda.

Em que sentido foram os governos de esquerda irresponsáveis?

Na forma como conduziram tudo, inclusive na forma como enganaram as pessoas sobre o estado real da economia do país.

Qual é o principal perigo de formar alfabetizados instrumentais, mecânicos?

O perigo é você formar pessoas que pretendem ser engajadas ou incluídas numa sociedade de decisão sem o serem. Então são capazes de votar no primeiro que lhe canta ao ouvido alguma coisa porque acreditam que tudo é verdade, não duvidam de que o que estão vendo ou lendo pode não

ser verdadeiro. Não é que haja uma verdade mas é preciso entender o processo pelo qual a ficção pode ilustrar várias verdades. O perigo é esse: o de as pessoas acharem que porque assinam o seu nome e porque votam têm poder de decisão sobre o país. Essa é a desgraça completa.

Uma pessoa que é uma alfabetizada mecânica não tem consciência disso. Como se resolve então esse perigo?

Só com a experiência de conviver com pessoas que tenham outras fontes de informação, que tenham outras experiências de vida. Porque também não acredito na subjetividade pura, acredito que as pessoas são mais que sujeitos, são intersujeitos e vão sendo construídas passo a passo pelas convivências. Isso faz com que não existam sujeitos puros e fixos como Kant um dia imaginou. Acho que existem pessoas que se estão a construir como sujeito, que não estão terminadas. Eu espero não estar terminada ainda!

Qual é o primeiro livro em que pensa para espantar um leitor?

Depende do gosto desse outro leitor. Eu costumo espantar as pessoas à minha volta quando saio do cinema ou se

«O perigo é esse: o
de as pessoas acha-
rem que porque as-
sinam o seu nome e
porque votam têm
poder de decisão
sobre o país. »

estou a ler um livro e digo: «Imperdível!» Gosto muito de ler biografias de pessoas que decidiram determinadas épocas do mundo, Catarina a Grande, por exemplo. Acho que os escritores de biografias deste tipo podem ajudar muito as pessoas a pensar a história e a circunstância. Agora adoro ler Calvino, adoro ler Borges... é difícil dizer o livro.

Se o leitor fosse uma criança?

Se fosse uma criança pequena que não soubesse ler, contaria histórias de Monteiro Lobato, que é desafiador. Mas acho que há livros encantadores da Ana Maria, da Lygia Bojunga, do Bartolomeu Campos Queirós. Acho que Uma ideia toda azul da Marina Colassanti é um livro fascinante, Ciganos do Bartolomeu é lindo porque pode ser lido em três ou quatro direções diferentes... Os livros da Ângela Lago, não perderia nenhum deles. Há livros para todos os gostos, não é preciso ficar escravo de nenhum género.

Que balanço faz da criação literária infantil e juvenil no Brasil?

A criação literária, não só infantojuvenil, é bastante rica. Na literatura infantil há livros de altíssima qualidade, há

autores brasileiros que poderiam ter ganho, para além de Ana Maria [Machado] e Lygia [Bojunga] prémios máximos internacionais, a própria Marina [Colassanti], Bartolomeu Campos Queirós... São gente de uma literatura inexcedível que não está marcada por idade mas inclui a criança. E a literatura adulta, com exceção da poesia, para mim, tem mostrado uma qualidade e uma experimentação muito rica.

Há uma nova geração de escritores para a infância e juventude?

Há, com muita qualidade. O site da cátedra tem uma parte chamada Os Selos de Literatura e todos os anos incluímos os melhores de cada ano. Aí aparece gente nova que está despontando, tanto ilustradores como escritores.

Como se faz a escolha?

Temos vários grupos de pesquisa, professores, pesquisadores de dentro e de fora da universidade. Os grupos têm geralmente dez a doze pessoas, e trabalham sobre o acervo que a Cátedra tem e recebe. Cada livro é lido por três pes-

soas e é discutido, daí sai uma lista dos melhores que são aprovados. Depois são escolhidos os dez mais significativos editados no Brasil nesse ano, seja tradução ou original.

O que pensa dos cânones?

Acho que os canones são muito importantes, mas você precisa ter o desejo de os ler, ou ser despertado para esse desejo de ler por um mediador interessante. Então – o Torrado diz isso – se você ler Camões obrigado aos onze anos, vai odiar Camões para o resto da vida. Mas se alguém te falar sobre o Canto de Inês de Castro, você é capaz de ficar fascinada por ele. Então é isso que interessa. Eu costumo seduzir as pessoas para lerem os russos do séc. XIX assim, trazendo um grande drama e a decisão que tem de ser tomada, e as pessoas vão atrás. Mas vão porque já leem sozinhas.

A Eliana tem-se dedicado igualmente a refletir sobre a importância da oralidade. De que oralidade estamos a falar?

A nossa experiência é com a oralidade. É óbvio que agora a nossa oralidade é decalcada da escrita mas eu acho que existe uma oralidade que está perto da infância e que é uma

oralidade poética, simbólica, alegórica... A atualidade vem registando essas expressões de uma oralidade primeira, de uma oralidade que está lá atrás e isso é de uma riqueza muito grande. Vejo que a literatura ultra-moderna, fragmentária, está lidando com uma questão de oralidade fragmentária que existe hoje. Acho que a vida quotidiana toda em fragmentos, o que quer hoje não quer amanhã, vem de uma desorganização da subjetividade interior e isso está a aparecer na literatura. A oralidade não é importante em si mesma, como a literatura escrita não é importante por estar escrita embora ela possa permanecer. A questão fulcral é pensarmos na organização da linguagem: a linguagem do corpo, a linguagem do comportamento, a linguagem ética, a linguagem das relações, a linguagem estética, a beleza que não é só de produtos vendidos em salões de aeroportos... Precisamos de tomar conta da linguagem. Falamos automaticamente, vivemos inconscientemente daquilo que a linguagem faz connosco. Se tomássemos consciência da linguagem veríamos que não há nenhuma fala que não seja política, nenhuma fala que não seja ética, nenhuma fala que não seja estética.

and the winner is...

British Book Awards

A rapariga que lia as estrelas

Kiran Millwood Hargrave
categoria infantojuvenil

A distinção é atribuída anualmente pela prestigiada revista britânica *Bookseller*. Esta é a primeira novela da autora inglesa e está editada em Portugal pela Booksmile. O enredo associa uma geografia mágica a questões de discriminação social, enquanto acompanha uma menina, a protagonista, numa missão transformadora.

Kiran Millwood Hargrave



Um livro ou um desdobrável? Na verticalidade inicial deste objeto o leitor apenas distingue aquilo que parece ser a boca de um animal mecânico na capa e a sua cauda, com placas de metal, parafusos e uma hélice na contracapa. Entre algas e peixes, estamos obviamente no mundo submarino. Como sabemos, contudo, que é esta a ordem pela qual o livro se apresenta? Ao contrário da maioria, a este falta-lhe a lombada. Apesar do nome da editora de um lado, e do preço e código de barras do outro, podemos folhear o livro nos dois sentidos, com descobertas complementares. São duas leituras num livro só. Se o folhearmos, deparamo-nos com dois espaços: um exterior e outro interior, o verso e o reverso da folha. Cada momento revela várias ações, algumas que se compreendem sem virar a página, outras que precisam da contiguidade para serem justificadas, como a razão para o cardume de peixes se deslocar todo na mesma direção. A cada movimento físico do leitor, fecha-se uma parte de um espaço para outro se revelar. A dinâmica desta parcialidade impele à velocidade, para logo se decodificar a totalidade do qua-



dro. Há outra hipótese de leitura que se revela muito mais imediata: desdobrando o harmónio logo se apresenta o submarino em forma de baleia. E logo temos uma perspectiva geral do que se passa, de um lado, fora dele, e do outro, no seu interior. O que liga as duas partes é, para além da tripulação, a correspondência dos espaços, delimitados pelas placas de metal. Depois dessa leitura veloz, o livro reclama por lentidão e o leitor motivado pela exploração dos detalhes responde nesse sentido. Debruça-se sobre a ilustração aberta e repara em cada personagem, cada momento, cada movimento. Para ver melhor os detalhes dos quartos e das camas encastradas nas paredes, do ginásio, ou do lugar de desmanche do peixe, do mergulhador que se declara à sereia, do trio de lulas com a guitarra, ou ainda daqueles que asseguram que o submarino não fica enleado nas algas, pode voltar a dobrar a folha em páginas e aproximá-las do olhar. Quando olhamos para dentro não conseguimos olhar para fora mas neste caso se reorientarmos as dobras, reordenamos a estrutura que nos é oferecida. Desafia-se o modo de ler. Como se tudo isto não bastasse, há situações misteriosas, perigosas, cómicas e curiosas que seduzem o leitor para novas releituras.

Sói dizer-se que é mais fácil um álbum ser bom se tiver apenas um autor, do que dois, porque a realização depende de um único processo que remonta a uma intenção. As duplas de escritor e ilustrador nem sempre se reconhecem mas este não é, de todo, o caso. Rita Taborda Duarte sempre pautou a sua escrita pela subversão, temática e discursiva. Por vezes mais simples, outras muito mais encriptadas, as suas narrativas em prosa e em verso obrigam o leitor a um domínio da língua que nem sempre é imediato. Palavras menos coloquiais, expressões populares menos recorrentes, inversões sintáticas e neologismos, tudo cabe na sua retórica, ao serviço de uma ironia acutilante que desconcerta, muitas vezes, com humor. Pedro Proença, enquanto ilustrador de livros para a infância, nunca abdicou de uma estética artística mais do que representativa, em que as suas formas, técnicas e cor extravasam, enquanto todo, os limites do que mais comumente se reconhece. A parceria entre os dois resulta pois num equilíbrio que surpreende, põe em causa, abre portas sem mostrar caminhos. O lúdico percorre texto e ilustração, na descrição destes animais metamorfoseados que andam de cabeça para baixo, não são dados



à limpeza, saltam, pulam e andam emaranhados uns nos outros, mordem e abanam as caudas em turbilhão. Para além da sua disformidade marcada pelo contorno generoso, cores vivas e acessórios inusitados, o fundo onde se movem remonta aos tradicionais blocos geométricos de madeira, com os quais tudo se pode construir, derrubar, recriar e visualizar. Assim se passa na disposição de cada página dupla, onde por vezes se alcança um tecido texturado com padrão de quadrados, quando os blocos têm vazios, ou se espalham no espaço, em equilíbrio duvidoso. Também a inscrição tipográfica remete, aqui e ali para um elemento textual.

No entanto, o absurdo e o lúdico não se casam gratuitamente. O texto tem uma moral que vai sendo desvendada à medida que nos aproximamos do final, desvendando onde vivem estes animenos que não se veem com os olhos abertos. O fluxo silogístico assente na descrição quebra-se então parcialmente para se transformar numa imagem que justifica todas as inversões e desvios à norma. Esta imagem é muito mais que um desenlace, é sim um manifesto inesperado que volta a pôr tudo no sítio, ou lá perto.



Atrás seguiam os girafeus
Nem por isso mais contentes...



saramaguiana

Herança literária e humanitária

No dia 9 de maio, centenas de pessoas reuniram-se no auditório Stoa Tou Biblio, em Atenas, para celebrar a língua portuguesa. O ato, convocado pela Embaixada de Portugal na Grécia, e que contou com o apoio dos embaixadores de Brasil, Angola e Portugal, encerrou com a intervenção da presidenta da Fundação José Saramago, Pilar del Río. Durante a sessão, Athina Psilias, tradutora da obra de José Saramago para o grego, leu o texto que a revista *Blimunda* reproduz a seguir.

É com alegria e emoção que estou aqui hoje, ao lado de Pilar del Río, para falar dos livros de José Saramago na Grécia, uma aventura que conta já 27 anos. *Memorial do Convento* foi o primeiro livro de José Saramago traduzido para o grego por Kostas Skordylis e Anny Spyrakou, na editora Syghroni Epohi. Veio depois *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, em 1993, na tradução de Anny Spyrakou, com a chancela da Alexandreia. A partir de 1996 também eu embarquei na aventura, traduzindo nos últimos 21 anos a obra de José Saramago para a editora Kastaniotis, contando sempre com a colaboração do mesmo revisor, o meu caro amigo Alexandros Panoussis.

Houve e há outros escritores lusófonos também, e outras editoras, mas sinto-me privilegiada por ter uma aliança profissional tão longa, estável e fértil que começou por



um atrevimento meu; tinha pouca formação em tradução, era muito jovem, e quando a oportunidade surgiu segui apenas o meu desejo de fazer este trabalho.

Na altura do prémio Nobel em 1998, José Saramago já tinha o seu público na Grécia; eram os leitores dos romances *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *História do Cerco de Lisboa*, *Ensaio sobre a Cegueira*, e este público, como era de esperar, aumentou muito nos anos seguintes com a publicação, no total, de 14 romances, 2 livros de contos, a autobiografia da infância, 2 livros para crianças e os 2 cadernos do blog do escritor.

Nos primeiros 10 anos evitei sistematicamente conhecer o escritor em pessoa, fazia o que era possível para resolver assuntos de tradução sem escrever ao próprio José Saramago para pedir ajuda. Não consigo imaginar sentir tanto embaraço e tanta admiração por outra pessoa; creio que foi a primeira e a última vez na minha vida.

Mas, afinal, José Saramago e Pilar del Río vieram à Grécia em 2006 e tive que enfrentar as minhas dificuldades. Passámos alguns dias em Patra, por ocasião do espetáculo sobre *A Maior Flor do Mundo* com a participação de Pilar.

José Saramago perguntou-me por que nunca tinha aparecido até àquele momento e como resolvia as minhas dúvidas na tradução. A minha resposta foi muito fraca. As

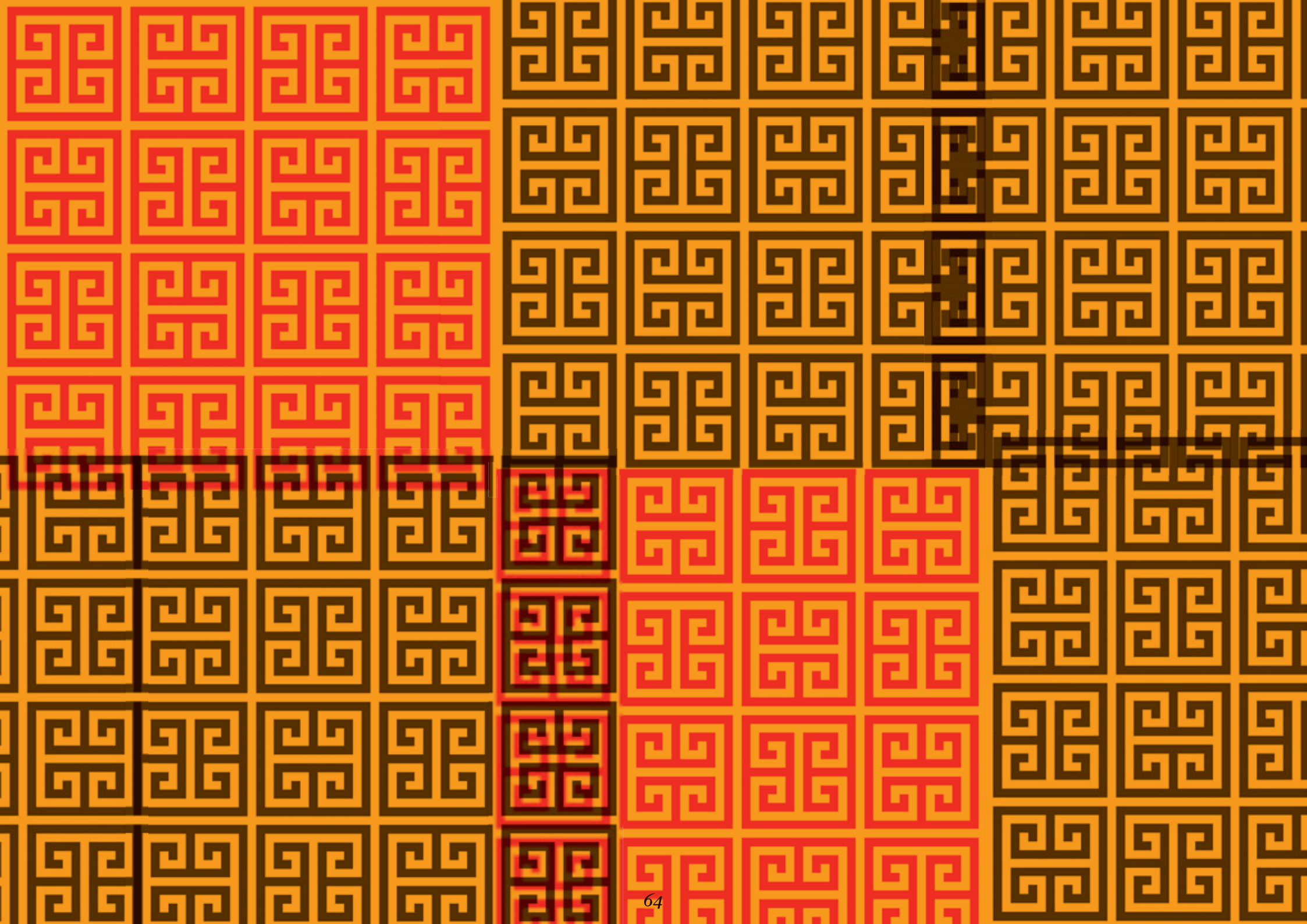
imagens desta visita, algumas inesquecíveis, como as de José e Pilar no sítio arqueológico de Olympia, vivem num dos primeiros episódios duma série de entrevistas a grandes escritoras e escritores pelo mundo, por Antaios Chrissostomides e Mikela Hartoulari, série que também durou muitos anos e marcou a história da televisão grega. A série chamava-se *As Antenas da Nossa Era/ Οι Κεραίες της Εποχής μας*.

Antaios Chrissostimides não só era um jornalista excelente, um dos melhores tradutores e escritores, mas também diretor de literatura estrangeira da Editora Kastaniotis, de 1998 até à sua morte, tão precoce, em 2015.

Foi na cidade de Patra, dentro de um táxi, que Antaios e eu prometemos a José Saramago que iríamos publicar os dois primeiros romances, *Memorial do Convento* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de novo, com a mesma equipa de trabalho: a editora, a tradutora, o revisor de sempre.

E cumprimos metade desta promessa com *Memorial do Convento*. Entretanto, José e Antaios já não vivem entre nós. Não tivemos outra oportunidade para nos encontrarmos com José Saramago na Grécia.

Quando em 2013 o governo grego fechou sem aviso a radiotelevisão pública ERT, os



trabalhadores da ERT montaram e emitiram um vídeo com as imagens mais importantes da televisão grega desde o seu início até àquele dia; José Saramago também lá estava.

José Saramago costumava dizer que quem gostava da sua obra também gostava dele como pessoa. É verdade, porque todos estes anos recebo a amizade, o respeito, a gratidão e o amor dos seus leitores, e juntos formamos uma comunidade não assim tão pequena.

Jovens de 20 anos descobrem hoje o escritor e enviam-me mensagens no Facebook com cumprimentos, e também com pedidos. Que tal *O Ano da Morte de Ricardo Reis*? Não me pode fazer um desconto, sou estudante, sou pobre e quero ler todos os livros de José Saramago.

Obviamente, temos a outra metade da promessa para cumprir com o Alexandros e o novo diretor na editora, Gregoris Bekos.

Não sou fã das bandeiras nacionais e não vou dizer que José Saramago é nosso, é grego, mas ele está conosco não só como um escritor já clássico, mas também como o cidadão inquieto que era. A voz dele faz-nos e faz-me grande falta nestes tempos em que tudo o que é público ou partilhado em comum é caluniado e desvalorizado para ser vendido peça a peça e passar a ser privado. E faz falta também porque a virtude cívica e

científica que nos ensinou, a de duvidar e perguntar «como eu sei o que eu creio saber», também está a passar mal.

Uma tradutora é primariamente uma leitora e eu continuo rendida à capacidade de José Saramago de ganhar o nosso consentimento nas hipóteses menos verosímeis do mundo, como aquela que admite que a Península Ibérica pode, de repente, separar-se da Europa e navegar para as Américas; ou que um dia a morte simplesmente não atua dentro das fronteiras de um certo país; ou que um homem sofre duma cegueira branca altamente contagiosa. Uma vez que o nosso consentimento é entregue ao escritor, depois é só deixar ver erguer um universo detalhado com as consequências daquela primeira hipótese. E é impossível não pensar na condição humana. É a herança literária e humanitária que Saramago nos deixou.

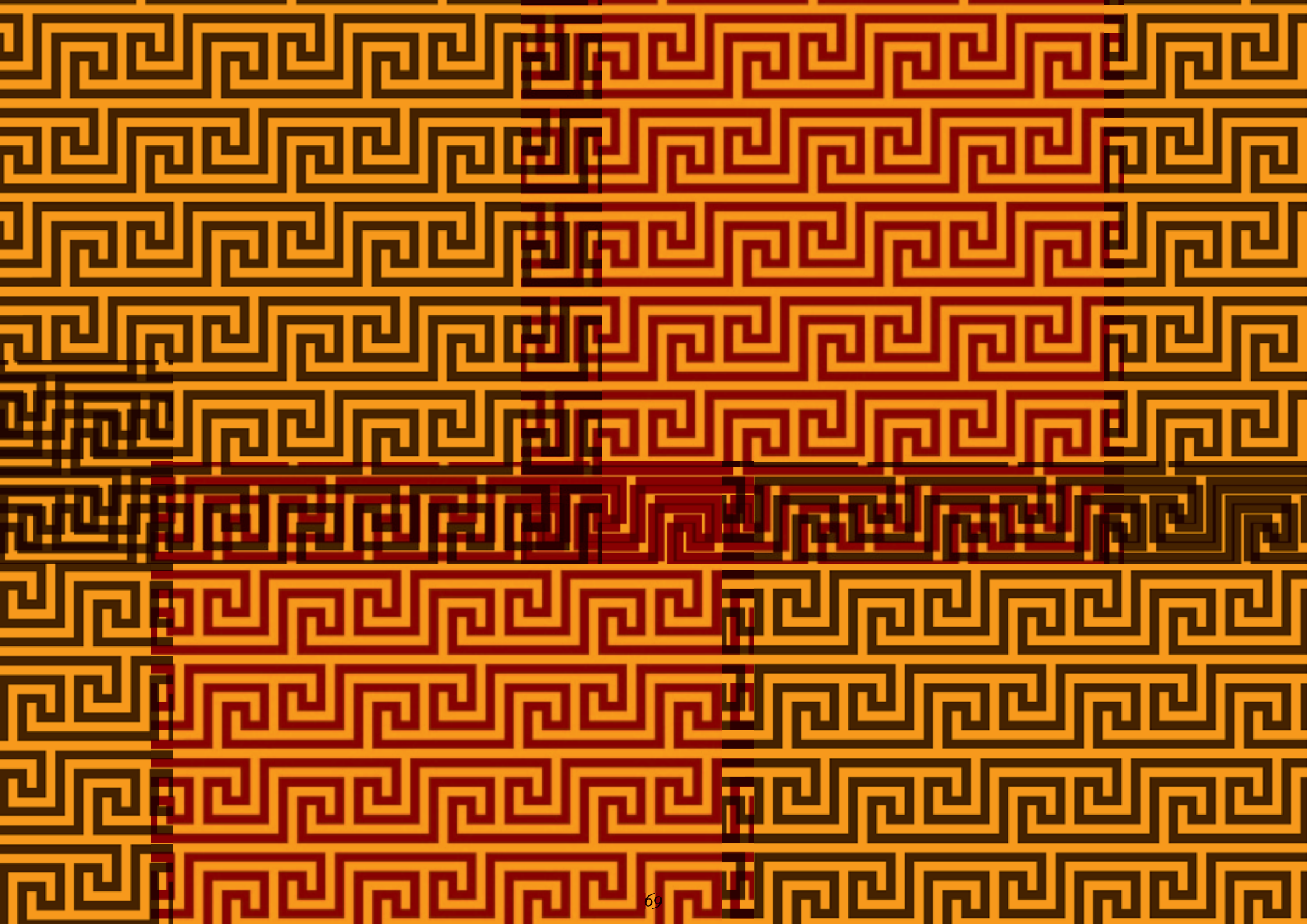
Navegar é
preciso: uma
jangada de
pedra arras-
ta a Europa
para o sul

Atenas, maio 2017
Pilar del Río

Navegar é preciso; viver não é preciso.
Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Seguindo as rotas estabelecidas por outros, Fernando Pessoa escreveu que viver não é preciso. Ou talvez viver seja preciso para navegar, mas este ato de sentido comum, tão prosaico, é próprio dos Sancho Panças do mundo, não dos poetas, de maneira que fiquemos com a palavra florida de Pessoa, que antes foi de Petrarca, e de Plutarco, e antes ainda de Pompeu, tantas vezes dita, cantada, sonhada. Navegar é preciso, insiste nos dias de hoje Chico Buarque – ouçam-no.

Talvez por isso, José Saramago colocou a navegar a Península Ibérica inteira, desprendida da Europa pelos Pirenéus, cordilheira-fronteira com a França que desde o princípio do mundo serviu tanto para unir como para separar. Até que chegou José Saramago e decidiu fazer um IbExit radical, não adotou uma medida política ou económica de baixa intensidade, como fazem outros – os britânicos, por exemplo. Não, José Saramago realizou uma separação em toda a regra: a Península Ibérica, com toda a



sua gente, cidades, casas, rios e aeroportos, desprende-se do Continente Europeu e pôs-se a navegar mar adentro, pelo oceano, buscando o encontro com povos que já conhecia e, portanto, sabia que podia com eles entender-se e talvez conviver em harmonia. Esses povos estão na América ou na África, falam português ou espanhol, ensaiam novas formas, são nossos semelhantes, precisamos deles. Sim, a Europa tem que sair do caos em que se encontra, esse eurocentrismo pequeno e violento, gerador dos piores sentimentos e das mais abjetas práticas, e descobrir outras formas possíveis de habitar o planeta sem necessidade de destruí-lo com a indústria da Guerra e a imposição de uma lei única. Por isso, porque o respeito é necessário, José Saramago lançou a navegar a Península Ibérica, com o propósito de que servisse de rebocador de toda a Europa. Navegante, ela também, até à convivência, sem Exércitos invasores, sem fronteiras fechadas, sem campos de concentração para os diferentes, todos agora emigrantes, todos acolhidos e acolhedores.

Viajando aprende-se muito. E mais se aprende se cada dia há que pintar o mapa-múndi porque se modificam os pontos cardiais do planeta, o Norte deixa de ser Norte, o sol entra por onde antes se punha, a sombra do pátio finalmente foi vivificada pela luz magnífica que ansiava ocupar também esse espaço e acariciá-lo com suavidade. Porque

a Península Ibérica, já jangada de pedra, ou balsa ibérica, na sua navegação oceânica também gira sobre si mesma em doce rotação.

Tudo é possível na literatura e na vida, basta querer e empregar-se a fundo. Então, quando navegava na balsa de pedra até o Sul, nas paredes da Europa, naquelas paredes onde Paul Éluard tinha escrito a palavra «Liberdade», apareceram pintadas outras igualmente urgentes: «Nous aussi, nous sommes ibériques», apareceram primeiro em francês, a seguir «nosotros también somos ibéricos», e depois em grego «Είμαστε ίβηροι κι εμείς», também em húngaro, inglês, italiano, alemão, até em latim «Nos quoque iberi sumus», porque todos queremos fugir dos destinos que nos prepararam, mas só os romancistas, os intelectuais, são capazes de atrever-se, eles sim navegam e alguns – obrigado, Saramago – levam-nos nos seus sonhos. Com os pensadores atravessamos o mundo e somos maiores e melhores.

Vim a Atenas falar de um livro publicado em 1986 intitulado *A Jangada de Pedra*, escrito em português por um português que, sendo universal, amava o seu idioma, respeitava-o, exigia respeito para a bendita pluralidade que nos salva do claustrofóbico cinza da uniformidade. José Saramago nunca cedeu às pretensões hegemónicas de ninguém, fossem elas económicas, culturais ou idiomáticas: falou português porque o

mundo não pode permitir-se o luxo de prescindir da diversidade. Se estivesse aqui hoje, e não está porque a morte é estúpida, ouviria com entusiasmo, como fez outras vezes, à musicalidade do grego, ainda que fosse preciso o trabalho de um intérprete para entender a letra. Os idiomas, agora sabemos, são também uma força económica, tenhamos também isso em conta. Até por esse interesse, devemos valorizá-los mais e agradecer que sejam tantos, de maneira que possamos dizer «olá» e «amor» de maneiras diversas, ainda que sempre expressando boas-vindas e paixão de viver.

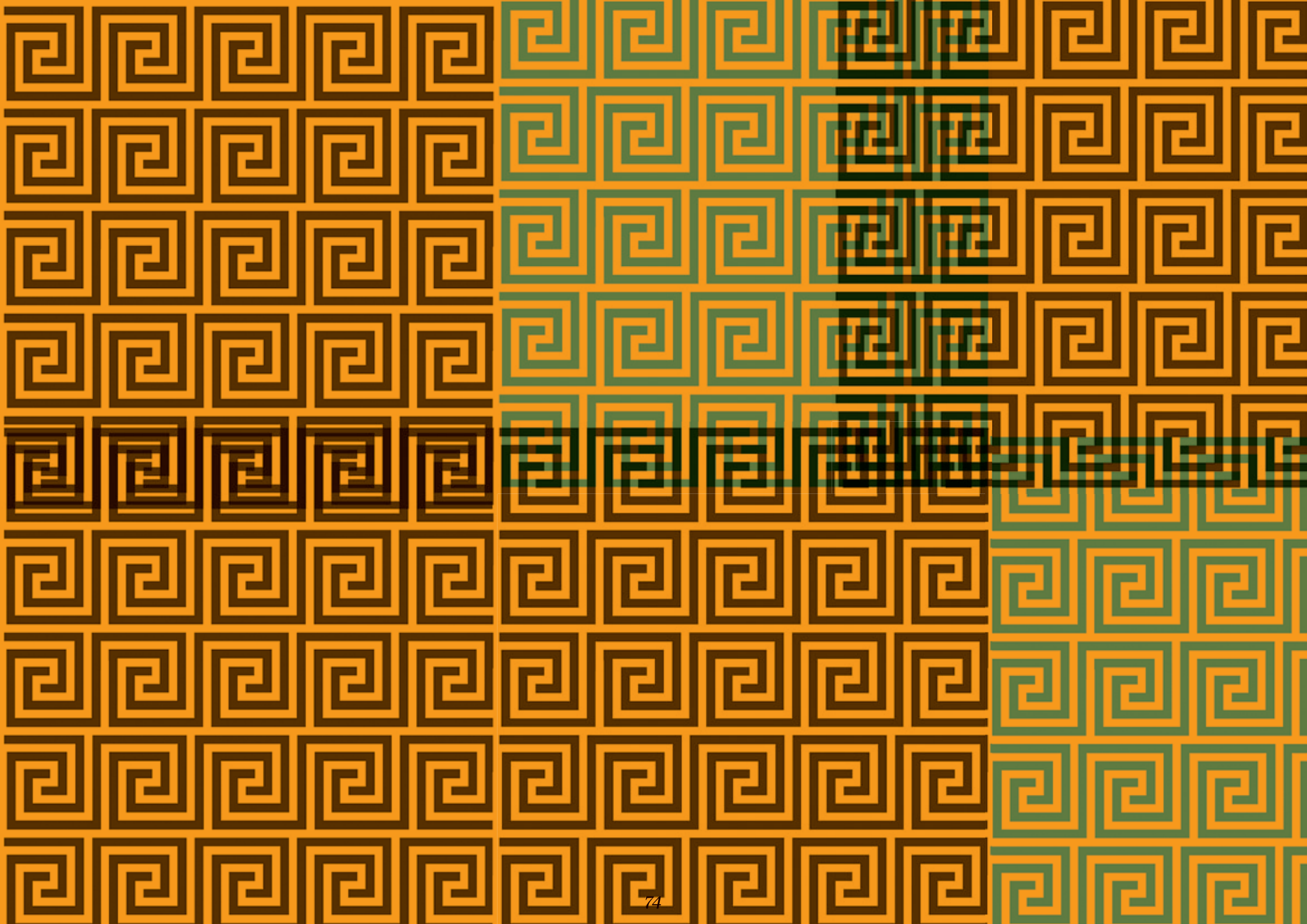
Quando se começa uma viagem, seja uma pessoa ou uma península, assumem-se objetivos. Kavafis soube-o disso como ninguém:*

Deves orar por uma viagem longa.
Que sejam muitas as manhãs de verão,
quando, com que prazer, com que deleite,
entrares em portos jamais antes vistos!
Em colónias fenícias deverás deter-te
para comprar mercadorias raras:
coral e madrepérola, âmbar e marfim,

e perfumes subtis de toda a espécie:
compra desses perfumes quanto possas
E vai ver as cidades do Egito,
para aprenderes com os que sabem muito.

Terás sempre Ítaca no teu espírito,
que lá chegar é o teu destino último.

Se chegamos. Há viagens que não são literárias nem queridas. Vemos cada dia a interminável peregrinação humana que não tem por objetivo o conhecimento nem a curiosidade, vemos barcos e barcaças sem glória, pessoas expulsas dos seus sonhos por uma forma de entender a vida que não tem o respeito como norma mas sim o interesse mais abjeto e canalha. Vemos pessoas saqueadas por delinquentes que destroem e constroem, em diferentes continentes, e que encontram negócio em tudo. Negócio que, claro, defende com artimanhas de legalidade duvidosa ou claramente falaciosa, como a Guerra do Iraque, desprezando os organismos criados para resolver conflitos, como a ONU, usando porta-vozes comprados que pregam o apocalipse se não são eles os que mandam. E assim, alimentando



medos e debilidades, os poderosos que não contam com a gente vão construindo um presente atroz, sem esperança nem poesia, disparando contra quem levantar a voz, fiéis a um projeto de domínio em que os seres humanos são material descartável se não são consumidores. Aqui está o drama dos emigrantes que aguardam na Grécia – e nas outras Grécias que há na Europa. Aqui está o drama dos vários Alepos destruídas e das fronteiras fechadas. Aqui está a invocação ao genocídio que paira de novo sob a Europa: não nos enganemos, o melhor pobre é o pobre morto. E esta frase se afirmará em todos os idiomas se não empreendemos antes a viagem ao contrário, até ao respeito e a consideração. Mas para isso fazem-nos falta pilotos.

José Saramago recebeu o Prémio Nobel em 1998, o dia em que se cumpriam 50 anos da assinatura da Declaração dos Direitos Humanos. Disse então:

Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumpri-lo os governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. Ou porque não lho permitem aquelas que efetivamente governam o mundo, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava do ideal da democracia. Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Pensamos que nenhuns direitos humanos poderão subsistir sem a simetria dos deveres

que lhes correspondem e que não é de esperar que os governos façam nos próximos 50 anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor.

Anos depois, a Fundação que leva o nome de José Saramago assumiu, conjuntamente com outras instituições, o repto de elaborar uma Carta de Deveres Humanos. Pensamos que a responsabilidade é a melhor, ou talvez a única, matéria imprescindível para empreender a viagem até ao respeito. Por isso, no preâmbulo da Carta insistimos na necessidade de nos assumirmos, cidadãos, como força e motor da mudança necessária. A Carta ou Declaração de Deveres, ainda está em fase de redação, mas, se me permitem, e de forma confidencial, leio uma parte do preâmbulo, porque não encontro nada melhor para terminar esta viagem. Esta Carta é a maior riqueza que pude acumular para chegar a Ítaca. Assim se lê:

Considerando que os direitos humanos são a maior conquista jurídica e social dos nossos tempos para garantir a dignidade de todas as pessoas sem distinção alguma da suas condições individuais, sociais e culturais,

Considerando a necessidade de reconhecer a emergência de novos direitos bem como de realizar uma leitura atualizada, intergeracional, relacional e solidária dos mesmos que enfatize devidamente sua função social

Reiterando que os principais responsáveis a cumprirem com os direitos humanos são os Estados nacionais e os organismos internacionais e regionais,

Destacando a importância de que todos os indivíduos e organizações as quais pertencem decidam formar parte cumpram também com tais direitos,

Atentos para as crescentes desigualdades e violações de direitos humanos e às dificuldades de alcançar as metas planejadas para atingir o desenvolvimento mais pleno da humanidade no seu conjunto,

Entendendo que a Declaração Universal dos Direitos Humanos dispõe em seu artigo 29 que todas as pessoas devem cumprir com os seus deveres jurídicos perante à sua comunidade,

Assumindo que o cumprimento dos deveres jurídicos não são suficientes para alcançar o pleno desenvolvimento das pessoas, sendo que o compromisso com as obrigações éticas igualmente indispensáveis para sustentar as instituições democráticas e o Estado de direito, Admitindo a necessidade de que a totalidade dos indivíduos e organizações sociais a que estes pertencem devem cumprir com seus deveres jurídicos e obrigações ética, sem

que, em nenhum caso, o seu descumprimento possa servir de pretexto para que o Estado se exima de suas responsabilidade,

Reconhecendo que as pessoas e os distintos atores sociais podem ter, pelo seu poder, capacidade ou função social, diferentes graus de responsabilidade na sua contribuição às condições de garantia do usufruto de direitos por parte de todos

Pois sim: reconhecendo, reiterando e assumindo o espírito da Declaração Universal de Direitos Humanos estamos a trabalhar em Lisboa. O primeiro dever que se contempla é fazer com que se cumpram os direitos, esses que cada dia são pisados com tanto afinco e cinismo. Também se afirma o dever de instruir-se. E assim, com esta proposta, dirigida aos cidadãos do mundo todo, a pessoas que são, que somos, razão e consciência, que somos muitas e plurais, seguimos viajando, um impulso mais para que a Jangada de Pedra chegue ao seu destino, à lucidez do outro, meu irmão, meu semelhante.

Tradução de Jorge de Sena, in «90 e Mais Quatro Poemas»



SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.

Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm. Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands – www.acasajosesaramago.com



Doesdicon **26 e 27 mai**

Uma coreografia de Tânia Carvalho para o grupo Dançando com a Diferença, este é um espetáculo que coloca em contraste o movimento fixo e a sua posterior libertação no palco. Viseu, Teatro Viriato.



Festival Internacional de BD de Beja **26 mai a 11 jun**

13ª edição do festival de banda desenhada que levará a Beja autores de países como a argentina, a Roménia, a Dinamarca ou Angola, para além de uma forte representação portuguesa. Beja, Largo do Museu Regional.



Álvaro Siza Vieira: Visões da Alhambra **Até 28 mai**

Desenhos, esboços, maquetes e filmes mostram o trabalho de Siza Vieira no complexo de Alhambra, em Granada, um dos desafios mais importantes da sua carreira de arquiteto. Porto, Museu de Serralves.



A Divina Comédia – Inferno **Até 4 jun**

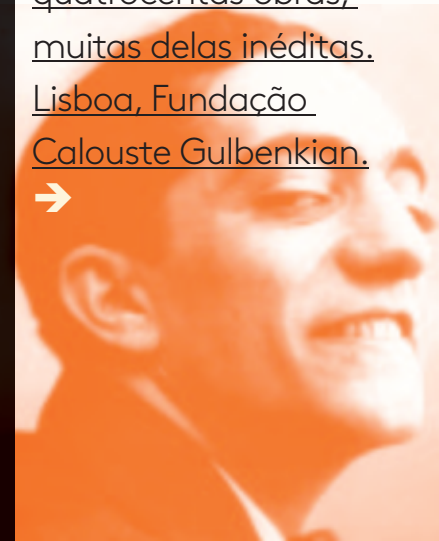
O grupo de teatro O Bando leva à cena a obra de Dante Alighieri, num espetáculo onde o público será desafiado a olhar sobre si próprio como modo de ver o mundo. Lisboa Teatro Nacional D. Maria II.



maio

José de Almada Negreiros. Uma maneira de ser moderno. **Até 5 jun**

Grande exposição dedicada ao trabalho de Almada Negreiros, mostrando mais de quatrocentas obras, muitas delas inéditas. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.



**Óscar e a
Senhora Cor-
-de-Rosa
Até 4 set**

Teatro para os mais
novos, com o selo da
companhia Bonifrates,
abordando o tema
da doença e da
morte de um modo
simultaneamente
lúcido e pedagógico.
Tondela, ACERT.



**Piedad y Terror
en Picasso.
El camino a
Guernica
Até 4 set**

Exposição que reúne
vários tipos de
documentos em torno
da obra com que
Picasso assinalou os
bombardeamentos
sobre Guernica e
mudou definitiva-
mente a face da
arte moderna e
contemporânea.
Madrid, Museo Reina
Sofia.



maio

**Concentrador
de Arquitectura,
Ciudad y Pensa-
miento. Ciudad
en Proceso
Até 10 set**

Exposição que reflete
sobre o urbanismo e os
modos de ocupação
do espaço a partir
de um conjunto de
projetos arquitetónicos
de uso sócio-cultural.
Madrid, Centro Centro.



**Akram Zaatari.
Contra la
fotografia
Até 25 set**

Exposição do fotógrafo
libanês que ajudou
a fundar a l'Arab
Image Foundation,
procurando criar
um discurso visual
alternativo às imagens
oficiais escolhidas para
mostrar no estrangeiro.
Barcelona, MACBA.



**Dja Guata
Porã – Rio
de Janeiro
indígena
Até 4 mar 2018**

Exposição dedicada à
história do estado do
Rio de Janeiro a partir
dos seus elementos
indígenas, fundadores,
estruturantes e sempre
pouco referidos.
Rio de Janeiro, Museu
de Arte do Rio.



Não houve milagres. A imagem saiu, deu a volta e recolheu-se, os cegos ficaram cegos, os mudos sem voz, os paralíticos sem movimento, aos amputados não cresceram os membros, aos tristes não diminuiu a infelicidade, e todos em lágrimas se recriminam e acusam, Não foi bastante a minha fé, minha culpa, minha máxima culpa. Saiu a Virgem da sua capela com tão bom ânimo de fazer alguns feitos milagrosos, e achou os fiéis instáveis, em vez de ardentes sarças trémulas lamparinas, assim não pode ser, voltem cá para o ano.

O Ano da Morte de Ricardo Reis